

**Título:** Desporto Jovem e Contextos de Prática. Significado Educativo e Social

**Pseudónimo:** MLPD

Índice

**Capítulo 1: Modelo integrado de desenvolvimento do sistema Pessoa-processo-Contexto-Tempo (PPCT).....1**

1.1 Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano e desenvolvimento do talento desportivo.....	3
1.2 Relação entre a prática deliberada com o desenvolvimento desportivo.....	7
1.3 Potenciação dos processos proximais em contexto desportivo.....	10
1.4 O desenvolvimento positivo dos jovens e redefinição de políticas Desportiva.....	12
1.5 Objectivos do estudo.....	15
1.6 Referências Bibliográficas.....	15

**Capítulo 2: A Dimensão Social de um Clube Desportivo de Bairro nos Subúrbios do Porto e Percepção dos Outros Significativos na sua Construção .....19**

Abstract.....	19
Introdução.....	20
Métodos.....	8
Participantes.....	8
Procedimentos .....	9
Recolha de Dados .....	22
Análise de Dados .....	23
Desenho da Pesquisa.....	24
Informação Demográfica e Biográfica .....	25
Apresentação dos Resultados.....	26
Identidade, Iniciativa e experiências .....	26
Relações Sociais .....	26
Skills Sociais e comportamento .....	27
Integração social e network de adultos .....	29
Outros Significantes e Experiências .....	30
Discussão.....	31
Desenvolvimento pessoal e auto melhoramento .....	31
Processos Proximais e Interações Sociais .....	32
Contexto Desportivo e Realização .....	34

Conclusão .....	35
Referências Bibliográficas.....	36
<b>Capítulo 3: Perspectivas Ecológicas na Determinação de Percursos Desportivos Contrastantes em Jovens Futebolistas em Contexto Profissional.....</b>	<b>42</b>
Abstract.....	42
Introdução.....	43
Métodos.....	44
Amostra.....	44
Recolha de Dados.....	44
Análise de Dados.....	45
Fiabilidade.....	47
Apresentação dos Resultados.....	47
Dados sócio-desportivos do Futebol Federado em Portugal e Ligas Profissionais .....	48
Identidade, Iniciativa e Experiências.....	49
Relações Sociais.....	50
Aptidões Sociais e Comportamento.....	51
Integração Social e Network Adultos.....	52
Outros Significantes e Experiências.....	52
Discussão.....	53
Conclusão.....	57
Referências Bibliográficas.....	58
<b>Capítulo 4: Considerações Finais.....</b>	<b>63</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>66</b>

## Capítulo 1

### Modelo integrado de desenvolvimento do sistema Pessoa-Processo-Contexto-Tempo (PPCT)

Nenhum dos modelos simplistas entretanto surgidos até à década de 90 (modelos nichos sociológicos e/ou modelos de atributos pessoais) abordavam as relações interactivas entre o indivíduo e o ambiente, ignorando o processo e mecanismos de desenvolvimento. Esta fase foi caracterizada por um conjunto de papéis que colocaram o modelo de 1979 em questão, nomeadamente, na pouca atenção dada à pessoa em desenvolvimento e o foco excessivo no contexto e no modelo pessoa-contexto. Durante os anos 80 (Bronfenbrenner, 1988; Bronfenbrenner & Crouter, 1983) alusões ao processo (que viria a ser considerado o motor do desenvolvimento humano e ponto principal da sua teoria sob a forma de processos proximais) como explicativo de uma ligação do indivíduo, do contexto e de um *outcome* de interesse. De facto, este modelo PPC foi primeiro discutido em 1984 (Bronfenbrenner & Crouter) apesar do termo processo não estar ainda conceptualizado como processo proximal.

Da década de 90 para diante Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 2005; Bronfenbrenner & Morris, 2006) providenciou uma visão mais clara do papel do indivíduo na mudança do contexto. Esta mudança pode ser relativamente passiva (o simples estar, dependente das características da demanda), activa (dependente dos factores de recursos, físico mental ou emocional), ou mais activo (características pessoais de força).

A sua teoria baseia-se em quatro conceitos principais e nas relações dinâmicas entre os conceitos: as características individuais, os processos proximais, variáveis contextuais e a natureza temporal das relações entre a pessoa em desenvolvimento e diferentes ordens do seu ambiente. Sendo assim, os componentes do modelo bioecológico são segundo o acrónimo PPCT (Bronfenbrenner, 1979; Bronfenbrenner, 2001):

- Pessoa
- Processos Proximais
- Contexto
- Tempo

Assim, torna-se possível a análise dos efeitos moderadores e mediadores que constituem a ligação com e entre os quatro sistemas de ambiente moldando a curso do desenvolvimento humano. Em adição, o paradigma incorpora um domínio chave, tendo igual estatuto dentro de cada ambiente, um conjunto de factores muito frequentemente omitidos em estudos de desenvolvimento no contexto-a contribuição para o desenvolvimento das características biológicas e psicológicas das pessoas envolvidas no processo (Bronfenbrenner, 1988a).

Bronfenbrenner (2002) refere que a ecologia do desenvolvimento humano obrigatoriamente sofre uma divisão na sua estrutura, definindo então, padrão de avaliação para cada estrutura da relação “homem x meio ambiente”: microssistema – seriam as experiências pessoais vividas pelo ser em desenvolvimento em um ambiente restrito, relacionado com questões educacionais ou ambientais. A criança que chega à escola e vai receber um novo código de conduta, as regras antes rígidas, impostas pela família tornam-se diferenciadas no novo ambiente, porém este facto ocorrerá temporariamente e a mudança de contexto imediato é constante (regresso ao seio familiar). Pode daí originar-se momentos de ruptura se não houver incorporação e integração no sistema de um novo contexto.

Neste seguimento, Cairns e Cairns (2005) documentam que a evolução da teoria de Bronfenbrenner para uma ecologia do desenvolvimento humano salienta a importância do desenvolvimento social e o focus na organização social de onde o indivíduo provém, nas alterações do próprio grupo. Bronfenbrenner (2005) salienta esta mudança intragrupal e na distinção de interdependência destas variáveis, entre estatuto social e estrutura no processo de desenvolvimento social.

De igual modo, poderíamos transpor a discussão para um nível mais amplo como o macrossistema, onde a relação do individuo, além da escola recebe influências de uma sociedade ou um código de posturas mais exigente que nos é imposto pelo meio social com os costumes, tradições (Bronfenbrenner, 2002).

A ecologia do desenvolvimento humano pressupõe três parâmetros digno de registo segundo Bronfenbrenner (1979). Primeiro, a pessoa em desenvolvimento é vista não só como uma *tabula rasa* no qual o ambiente actua, mas como uma entidade dinâmica em crescimento que se dirige e progressivamente reestrutura o ambiente onde reside. Segundo, como o ambiente requer um processo de mútua acomodação, a interacção entre a pessoa e ambiente é vista como bi-dimensional, caracterizado pela reciprocidade. Terceiro, o ambiente estende-se a outros contextos, de forma a incorporar interconexões entre os ditos contextos, bem como a influências externas emanando de ambientes maiores.

O que fica claro através da abordagem feita por Bronfenbrenner (2002) é que o desenvolvimento ocorre sempre e dá-se entre os diferentes contextos em que o indivíduo está envolvido; de igual modo as mudanças são inevitáveis e são perceptíveis à medida que o indivíduo se envolve e interage com o meio ambiente em que está inserido no momento; as interações entre o homem e o meio ambiente têm reflexos recíprocos que provocam consequências em cadeia, de forma generalizada numa análise sistémica estratificada.

O que fica aqui registado não é um ênfase nos processos psicológicos tradicionais de percepção, pensamento, motivação ou aprendizagem, mas no seu conteúdo – o que é percebido, desejado, recebido, pensado, ou adquirido como conhecimento, e como a natureza deste material psicológico muda como função da exposição da pessoa em interação com o ambiente (Bronfenbrenner, 1979).

O modelo experimental tipicamente apresenta limitações sob quatro domínios, estas características dificilmente se encontram em situações onde a criança se desenvolve:

- O sistema normalmente envolve ou considera apenas duas pessoas, o experimentador e a criança, referido como sujeito,
- O processo que decorre é ordinariamente concebido como unidireccional,
- O experimentador usualmente é um estranho, normalmente um estudante universitário sem nenhuma relação prévia com a criança,
- O sistema de duas pessoas existe, ou é tratado como se existisse, em isolamento em relação a qualquer outro sistema social que poderia acompanhar.

### 1.1 Teoria Bioecológica de Desenvolvimento Humano e desenvolvimento do talento desportivo

Milhões de jovens estão envolvidos no desporto, o contexto desportivo é importante quando consideramos o aumento de experiências de crescimento na população jovem (Côté, Baker & Abernethy, 2007), nomeadamente em três recursos pessoais (identidade positiva, poder e suporte) cuja importância deve ser declarada em programas desportivos para jovens (Strachan, Côté & Deakin, 2009).

O uso da teoria de Bronfenbrenner em contexto desportivo revela-se insuficiente e há muito ainda por fazer (Bengoechea, 2002; Copetti, 2001; Krebs, 1995, JL Vieira, 1999, LF Vieira, 1999). Sumariamente, os estudos realizados até hoje

procuram perceber o impacto relativo do ambiente nas características bio-psicológicas e os recursos pessoais dos atletas na determinação, regulação e direcção do seu desenvolvimento humano. Como pode a participação no desporto promover desenvolvimento positivo nos jovens e reduzir consequências negativas associadas com a participação desportiva? E ao permitir desenvolvimento positivo como e o que é que está envolvido neste processo?

Holt, Tink, Mandigo, e Fox (2008) examinaram a participação do desporto, neste caso o futebol, na criação de efeitos *skills* positivos para a vida. Observaram que os atletas tornaram-se produtores das suas próprias experiências no desenvolvimento destes *skills* com pouca intervenção por parte do treinador, esta principalmente na criação de relações e envolvendo os estudantes-atletas na tomada de decisão. Ao invés, o treinador proporcionou estruturalmente oportunidades para o seu desenvolvimento. Os autores identificaram três tipos de *skills* (iniciativa, respeito e trabalho de equipa/liderança). O programa desportivo curricular deve englobar instrução directa e um desenho curricular que promova o ensino de *skills* para a vida. Num nível mais amplo é imperioso perceber a contribuição real e interactuante dos pais, amigos nos diferentes contextos.

Alguns autores propõem modelos que têm como objectivo clarificar as relações causais entre os factores ambientais e os comportamentos no domínio da actividade física (Welk, 1999; Bengoechea & Johnson, 2000; Pikora, Giles-Corti, Bull, Jamrozik & Donovan, 2003; Spence & Lee, 2003). Em contexto escolar, nomeadamente a escola inclusiva, a mudança de escola conjuntamente com os novos contextos que ela encontra constituem uma transição ecológica, onde as relações interpessoais são construídas e fortalecidas a partir das díades de observação e de engajamento em novas actividades bem como actividades já adquiridas. Qualquer julgamento em relação à competência da criança com necessidades educativas especiais não deve ser referenciada com base apenas nos recursos pessoais. Em relação às necessidades educativas especiais, Krebs (2006) salienta o obstáculo que a criança enfrenta com a estratificação dos currículos escolares em função da sequência gradativa das dificuldades, uma vez que cada um tem o seu próprio ritmo de aprendizagem e o respeito pelo seu tempo vital de forma a facilitar essas mesmas transições.

De facto, a filosofia de treino do treinador deve passar pela psicologia ecológica e teoria dos sistemas dinâmicos baseado em princípios pedagógicos não lineares (Renshaw, Davids, Shuttleworth, & Chow, 2009). Os constrangimentos da tarefa e do ambiente num determinado contexto de desportivo moldam a performance do indivíduo e das equipas. Os treinadores devem procurar identificar os limitadores

chave de performance de forma a manipular os constrangimentos para facilitar mudanças na performance. Segundo os autores é fundamental perceber a manipulação dos constrangimentos que podem ser usados pelos treinadores para criar um sistema de instabilidade, forçando a procura de estratégias mais eficazes. A pedagogia não linear aqui invocada não resulta numa prática altamente estruturada e uma perspectiva reducionista do jovem atleta mas antes num modelo de desenvolvimento técnico individualizado baseado numa aproximação inter-disciplinar, integrativa que conduz a uma forma de treino menos tradicional (Renshaw, Davids, Shuttleworth, & Chow, 2009).

Esta aproximação contrasta com a estratégia tradicional em desmontar as acções em unidades arbitrárias reduzindo a mestria a praticar em actividades e exercícios estáticos onde não existem oportunidades de tomada de decisão requeridas pelos participantes. Em suma, a simplificação da tarefa permite aos praticantes executar em ambientes manipuláveis com todas as informações chave presente. Estas mudanças nos constrangimentos conduzem a instabilidades nos jovens e resultam em novos padrões de comportamento emergindo devido a uma re-organização do sistema. Como o acto de treinar envolve estes novos padrões de comportamento, as instabilidades são uma parte importante no processo de aprendizagem (Renshaw, Davids, Shuttleworth, & Chow, 2009).

É recomendável que os professores que dirigem as aulas de Educação Física e os indivíduos responsáveis por programas de desporto pós-escola encorajam as crianças e participar em vários desportos ao longo do seu desenvolvimento e especializar-se numa modalidade apenas na adolescência tardia. As crianças que têm a oportunidade de participar em múltiplas actividades irão desistir menos do desporto e ganham benefício psicossociais associados a esta diversificação de prática (Wilkes, MacDonald, Horton & Côté, 2009).

Um estudo de Laurin e Nicolas (2009) relacionava a consciencialização, auto-determinação e satisfação nas academias de futebol numa perspectiva longitudinal. O propósito do estudo foi o de avaliar a relação entre a consciencialização, a motivação para o futebol e a satisfação em 88 jovens atletas de 4 academias em França. Descobriram que a consciencialização no treino e auto determinação na escola estão relacionados com a satisfação advindas das experiências na academia. Mais, os factores contextuais, sociais que promovem um controlo externo como prazos e avaliações tendem a diminuir o sentimento de autonomia. Como estavam à espera o nível de satisfação no treino e a auto determinação no futebol diminuíram com o tempo. Aliás, a auto determinação no futebol estava mais fortemente relacionada com a satisfação do que a auto determinação na escola. Por último, este conhecimento

permitirá a mobilização de estratégias de intervenção personalizadas aumentando o encorajamento e suporte direccionado aos jovens menos conscienciosos.

Um estudo de Wolfenden e Holt (2005) examinou as percepções dos atletas jovens, pais e treinador do desenvolvimento do talento em tenistas juniores de elite. A principal implicação deste estudo é a de que o envolvimento em ténis junior de elite é um esforço de equipa onde pais, treinador e jogadores preenchem papéis específicos. Nove participante (três atletas dos 13-15 anos de idade, 4 pais e 2 treinadores) realizaram entrevistas semi-estruturadas, transcritas em verbatim e submetidas a um processo de análise dedutivo-indutivo. Os pesquisadores realçaram que os pais preenchem a maior parte dos papéis significativos em termos de providenciar suporte tangível e emocional (com a mãe mais envolvida que o pai). Os pais foram percebidos como uma fonte de pressão quando se envolviam em demasia nos contextos competitivos, enquanto que o papel do treinador consistiu na administração de suporte técnico. Os seus resultados demonstraram igualmente que aos pais e jovens era requerido que realizassem sacrifícios.

A construção e optimização do treino constroem-se incorporando conhecimento dos aspectos “proximais” e “distais” da performance desportiva reunidas dentro de uma aproximação teórica que acomoda os dois tipos de factores mais do que um em relação ao outro (Beek, 2009). Stefanello (2008) por seu turno, averiguou as possibilidades de operacionalização e verificação empírica da proposta teórica de Urie Bronfenbrenner para o estudo de algumas características do desenvolvimento de crianças praticantes do desporto competitivo nas situações de treino/competição.

Esta avaliação permitiu evidenciar um conjunto de forças pessoais, disposições com a modalidade desportiva em causa, especialmente na vontade de iniciar no ténis e permanecer na modalidade. Permite compreendê-las como fruto de um processo de interacção com os sistemas ecológicos por onde o desportista permeia, como sejam a família, escola, clube ou grupo de amigos, ou seja, é importante considerar que o processo de interacção com os constituintes do contexto está em íntima relação com as forças pessoais atribuíveis ao indivíduo e suas consequências e, em concomitância nas disposições pessoais que um adopta. Qualquer modelo bioecológico deve permitir a possibilidade de tais interacções. Estas forças pessoais, ou “ferramentas” (Krebs, Copetti, Serpa & Araújo, 2008) são os recursos pessoais que optimizam e efectivam as disposições.

## 1.2 Relação entre a prática deliberada com o desenvolvimento desportivo

De facto, as actividades físicas, particularmente as que se associam à natureza surgem, entre outros motivos, como favorecendo e garantindo algumas das necessidades mais prementes dos sujeitos face à natureza, seja individual ou colectivamente. Assiste-se hoje a um crescendo das necessidades de diálogo entre o indivíduo e a natureza (Mota, 1997).

Uma aproximação compreensiva da excelência desportiva deve considerar toda a situação que compreende a pessoa, a tarefa, o ambiente e o jogo complexo destes componentes (Hackfort, 1986). Em acordo, o Modelo de Participação e Desenvolvimento Desportivo (DMSP em inglês) (Côté, Baker, & Abernethy, 2007; Côté & Fraser-Thomas, 2007) providencia um quadro esquemático compreensivo da excelência desportiva que sublinha diferentes caminhos de envolvimento desportivo.

Os setes postulados seguintes associados com os diferentes caminhos do DMSP receberam vários níveis de suporte empírico. Eles postulam os pontos-chave da eficiência dos programas desportivos baseados na diversificação precoce e os benefícios físicos e pessoais da diversificação precoce durante a infância.

Postulado 1 – A diversificação precoce não estorva a participação desportiva de elite em desportos em que o pique da performance é atingido depois da maturação;

Postulado 2 – A diversificação precoce está ligada a uma carreira desportiva mais duradoura e possui implicações positivas no envolvimento desportivo a longo prazo;

Postulado 3 – A diversificação precoce permite a participação num conjunto de contextos que mais favoravelmente afectam o desenvolvimento positivos dos jovens;

Postulado 4 – Grandes quantidades de jogo intencional durante os anos de maior diversificação desportiva constroem uma fundação sólida para a motivação intrínseca através do envolvimento em actividades que são agradáveis e promovem a motivação intrínseca;

Postulado 5 – Uma grande quantidade de prática durante estes anos estabelecem uma gama de experiências motoras e cognitivas através do qual as crianças podem trazer para o seu desporto de eleição;

Postulado 6 – Por volta dos 13 anos, a criança deve ter a oportunidade para, ou escolher especializar-se no seu desporto favorito ou continuar no desporto a um nível recreativo;

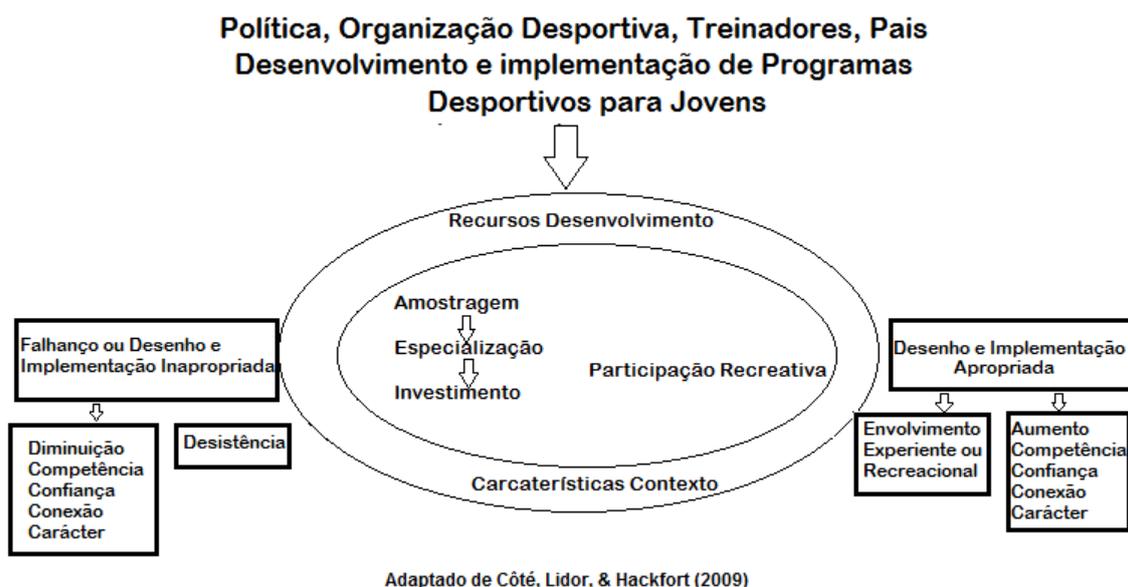
Postulado 7 – Os adolescents, por volta dos 16 anos, desenvolveram skills físicos, cognitivos, sociais, emocionais e motores necessários para investir o seu esforço em treino altamente especializado numa determinada modalidade.

A amostragem e o jogo durante a infância são considerados os processos proximais que formam o mecanismo primário para a participação continuada no desporto e desenvolvimento da pessoa (Côté, Lidor, & Hackfort, 2000). A este respeito, a especialização precoce definida como a participação limitada a um desporto que é praticada durante o ano inteiro é contraditada pela amostragem, definida como a participação numa variedade de desportos sazonais. Este último, a diversificação desportiva promove uma mais largo espectro de experiências de desenvolvimento e resultados em relação à primeira (Côté, Strachan, & Fraser-Thomas, 2008).

A decisão de escolha de uma diversificação precoce ou uma especialização precoce envolve diversas permutas. De acordo, antes de embarcar num treino ou actividade específica, atletas, pais e treinadores devem pesar os potenciais benefícios e riscos a nível motor, social e psicológico associados com uma diversificação precoce ou especialização precoce em crianças dos 6-12 anos (Côté, Lidor, & Hackfort, 2009).

Do exposto, os autores elaboraram um modelo desportivo de desenvolvimento positivo de jovens atletas (Figura 1) baseado em três etapas de desenvolvimento desportivo bem delineadas e assentes em vínculos psicológicos apropriados de prática diferenciada, como a seguir se exemplifica:

Fig. 1 - Modelo desportivo de desenvolvimento positivo de jovens atletas



Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993) explicam a performance de alto nível como resultado do esforço prolongado em melhorar a performance enquanto negocia constrangimentos motivacionais e externos. Em domínio profissional, os indivíduos começam na sua infância um regime de actividades frutuozas (prática deliberada)

desenhada no sentido de desenvolvimento constante, as diferenças individuais, mesmo entre atletas de elite, estão relacionadas com quantidades de recursos de prática deliberada. Muitas características percebidas como talento inato são actualmente o resultado de prática intensa numa extensão mínima de 10 anos. Ou seja, a análise da performance de alto nível providencia evidência única do potencial e limite de adaptação e aprendizagem e ambientes extremos.

O desenvolvimento do talento desportivo é um processo não-linear que exhibe algumas características de sistemas dinâmicos e abertos como (Renshaw, Davids, Shuttleworth, & Chow, 2009):

- mudanças não-lineares na performance;
- aumento da variabilidade da performance e instabilidade à medida que os indivíduos são expostos a novos níveis de competição (mudanças nos constrangimentos);
- diferenças únicas nas interações do indivíduo e do ambiente conduzindo a muitas trajetórias distintas de desenvolvimento;
- mudanças na performance ocorrem de uma forma descontínua como resultado de diferentes níveis de desenvolvimento dos sub-sistemas do corpo;
- emergência de especialista sendo um processo de desenvolvimento multiplicativo, multidimensional e dinâmico.

O conhecimento das circunstâncias ambientais específicas num contexto de performance é incompatível com a ideia de que a detecção de informação deva ser a base para comportamento adaptativo a novas situações. Mesmo os atletas mais experientes raramente alcançam o conhecimento preciso e compreensível da performance, os comportamentos adaptativos suportam a negociação com sucesso dos contextos dinâmicos e complexos. A este respeito, a percepção é a chave para o conhecimento da performance num determinado ambiente (Araújo & Davids, 2009).

Os mesmos autores referem que, como a interpretação dos sistemas dinâmicos do comportamento do movimento humano cruza as fronteiras do cérebro/corpo/ambiente, é importante considerar, não apenas o conhecimento armazenado sobre a acção como restrição na organização do comportamento como é popular entre psicólogos do desporto e exercício, mas também acções realizadas pelo indivíduo num contexto específico como parte de um processo dinâmico na relação performance-ambiente.

### 1.3 Potenciação dos processos proximais em contexto desportivo

São escassos os estudos em contexto desportivo. Krebs, Copetti, Serpa e Araújo (2008), avaliaram as disposições pessoais de tenistas jovens com suporte na teoria Bioecológica. Foram identificadas quatro categorias de análise: disposição para permanência, disposição para reorganizar acções, disposição para engajamento e disposição para o abandono. Concluíram que a avaliação dos atributos pessoais dos jovens tenistas dependerá de como se realizarem as suas disposições pessoais no âmbito do modelo que pregamos.

Aferida a importância do processo proximal na teoria de Bronfenbrenner, Krebs (1992) no seu trabalho sobre especialização motora, propôs uma estrutura teórica que compraz duas variáveis responsáveis pelas mudanças no nível de dificuldade. A primeira é a organização que compreende a interdependência de elementos do contexto e complexidade das actividades experimentadas pelos indivíduos participantes nesse contexto.

O processo proximal está assim decomposto em (Krebs, 1992):

- Estadio de estimulação desportiva, tarefas simples com pouca interligação, baixa organização e baixa complexidade. Função principal de inclusão em actividades e criar uma forte ligação em rede em todos os contextos para todos os atletas;
- Estadio aprendizagem de *skills*, mais organizado com tarefas mais complexas. Aprendizagem de skills de diferentes desportos;
- Estadio de prática desportiva, contexto altamente organizado com tarefas igualmente complexas. Fase autónoma do processo de aprendizagem,
- Estadio de especialização desportiva, orientado para a perfeição da performance desportiva.

A introdução de aspectos físicos simbólicos e sociais na estrutura do microsistema enaltece a importância destes domínios no desenvolvimento dos processos proximais nos ambientes que contribuem para o crescimento e formação de carácter. Do lado construtivo estão os objectos que estimulam a manipulação e a exploração, do outro, a instabilidade, a falta de estrutura clara e imprevisibilidade dos eventos atrasam o desenvolvimento (Krebs, 1992).

Operacionalizando os processos proximais do modelo bioecológico, Krebs (2009b) refere a necessidade de: primeiro, controlar as interacções mediante a forma

(o comportamento do jovem jogador), o poder (o quão importante é o planeamento de futebol para o jovem, para os seus colegas, para o treinador, para os pais, etc.), o conteúdo (a variabilidade de prática que os jogadores podem ter no seu planeamento de futebol) e direcção (ganhar o campeonato distrital). Segundo, existem as interacções entre factores (pessoas, processo, contexto e tempo).

#### EXEMPLO

Assim sendo o processo proximal varia sistematicamente em função de: as características do jovem atleta (*skills sociais*, emocionais, cognitivos e psicomotor), as características do ambiente imediato (actividades e exercícios no campo, interacções entre jogadores e os papéis que cada um assume) e remoto (escritório da Federação de Futebol de Portugal), a natureza do desenvolvimento dos resultados sob consideração (reconhecimento dos colegas e do treinador ao valor apresentado pelo jovem atleta) e, por último, a continuidade e mudanças que ocorrem num ambiente ao longo do tempo (6 meses de prática).

O autor refere que para a necessária forma de entendimento sobre como se operam os processos proximais, a equipa de futebol tem que ser considerada como uma unidade de análise e todas as interacções que derivam da unidade devem ser tidas em consideração, ou seja, foca em múltiplos níveis do fenómeno desportivo ao mesmo tempo, bem como enfatiza a interacção entre unidades de comportamento (o que acontece num jogo pode ser influenciado pelo que acontece em casa e vice-versa).

O modelo propõe uma análise do desenvolvimento do talento desportivo como um fenómeno de processos proximais e das suas interacções com atributos pessoais, contexto ecológico e dimensões de tempo. Um atleta que possui recursos positivos, que planeou a sua carreira numa dimensão macro- e é circundado por micro-, meso-, exo- e macrosistemas, parece ter mais hipótese de êxito. A figura 2 que se segue explana os componentes do sistema bioecológico:

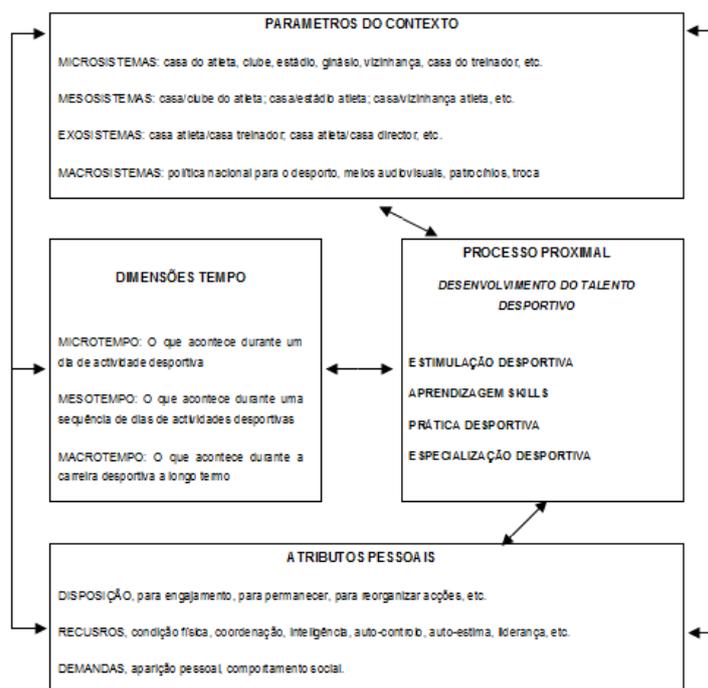


Fig. 2 – Modelo Bioecológico de desenvolvimento do talento desportivo

#### 1.4 O desenvolvimento positivo dos jovens e redifinição de políticas desportivas

Conforme Bronfenbrenner (2001 & 1992b) afirma, este modelo de conhecimento tem implicações tanto na ciência como na política pública, ele chama a atenção para os efeitos indirectos existentes e potenciais das políticas públicas nos processos de desenvolvimento pelo seu contexto mais amplo no tempo e no espaço. Por outro lado, enfatiza a necessidade, da parte dos criadores das políticas, para adquirir conhecimento e entendimento em como as políticas e as formas como são implementadas afectam as famílias, escola e outros contextos de socialização para funcionar efectivamente como contextos de desenvolvimento humano.

Deve ser dada grande atenção à avaliação e determinação de efeitos únicos de comprometimento comportamental versus psicológico, bem como a captura da natureza dinâmica do comprometimento e do papel moderado das diferenças individuais. O envolvimento dos jovens em actividades tem recebido atenção crescente e número de pesquisas associadas. O envolvimento tem sido relacionado com uma ampla gama de índices de desenvolvimento positivo (Rose-Krasnor, 2009). De facto, as dimensões de largura e intensidade estão relacionadas uma com a outra

na agregação de uma medida de envolvimento e a vários indicadores de desenvolvimento positivo (Rose-Krasnor, Busseri, Willoughby & Chalmers, 2006)

Todas as crianças devem ter a oportunidade de participar em actividades desportivas progressivamente mais complexas sob a supervisão de adultos preparados e empenhados no bem-estar da criança mais do que nas suas habilidades atléticas (Krebs, 2009a). O autor refere ainda que a maior parte dos estudos realizados no âmbito da identificação e desenvolvimento de talentos usaram os testes motores e físicos como instrumentos para avaliar as capacidades consideradas como talento desportivo. Abernethy (2009), complementa e agudiza o problema quando se interroga sobre os modelos de talento desportivo que não são motivados por factores ecológicos explícitos.

Como distinguimos o exosistema do mesosistema e estes do macrosistema? Entre exo- e meso- temos que distinguir quem é o indivíduo em desenvolvimento (Krebs, 2009b). Para um jogador que participa num contexto desportivo (campo de ténis, campo de futebol com os seus colegas, a sua família a apoiar em casa), o sistema de forças gerado por estas interacções deste microsistema específico pode ser considerado um mesosistema para ele e um exosistema para os seus colegas.

Em uma pesquisa científica, o investigador deve examinar a influência do processo proximal controlando a interacção entre os outros três elementos (interacção entre factores). Para uma análise intra factores, o investigador deve controlar entre os atributos pessoais (disposições comportamentais, recursos biopsicológicos e demanda), dentro do parâmetro do contexto (microsistema, mesosistema, exosistema e macrosistema) e entre as dimensões do tempo (microtempo, mesotempo e macrotempo).

As características da pessoa podem ser medidos através de testes cognitivos, psicomotores, emocionais e sociais para averiguar os recursos pessoais. A análise deve considerar todas as variáveis da pesquisa como interdependentes (ênfase no efeito de interacção), ao invés da análise linear no controlo dos efeitos das variáveis independentes sobre as respectivas variáveis dependentes (ênfase no efeito principal) (Krebs, 2009b).

Para distinguir as características pessoais disruptivas e geradoras, o pesquisador deve decidir considerando a situação contextual (p.e. um rapaz com grande estatura pode ter atributos positivos para ser seleccionado para o voleibol e atributos negativos para ser seleccionado para a ginástica).

Côté, Ericsson e Law (2005) criaram um novo procedimento na colecta de informação na aquisição de performance ao mais alto nível no desporto através de métodos de entrevista retrospectivo. Ao longo do desenvolvimento, os atletas

desenvolvem-se progressivamente a nível físico e mental para ir de encontro às demandas crescentes da competição e da performance. O procedimento incorpora informação no desenvolvimento das realizações dos atletas no seu desporto primário, bem como a factores que podem influenciar a performance incluindo envolvimento em outras actividades desportivas, lesões, crescimento físico e qualidade nos recursos de treino.

A informação recolhida providencia importantes considerações sobre o desporto, válidos indicadores de comportamento concorrente no que diz respeito a assuntos de desenvolvimento como sequência curricular, métodos de ensino em diversas idades de envolvimento do atleta no desporto, a escolha de objectivos de aprendizagem. Descrever o processo de desenvolvimento no desporto desde a infância até à adultície vai ajudar a desenvolver práticas informadas e políticas para programas desportivos.

Existem pesquisas que contribuem com um olhar penetrante do sistema desportivo jovem e, em concomitância, avaliam as características desse sistema na promoção do seu desenvolvimento. Aliás, Holt, Tink, Mandigo e Fox (2008) afirmam a premência para entender de que forma o contexto desportivo interage e se enquadra no meio social com os diferentes contextos do jovem (colegas, pais), e contrariar o ênfase das políticas educativas na asserção dos benefícios do desporto na escola. Em consequência, os autores elaboraram um estudo com o propósito de estudar a possível aprendizagem de valores para a vida através do seu envolvimento em futebol em uma equipa do secundário e concluíram que é a estrutura e o contexto proporcionado pelo treinador mais do que os ensinamentos directos que influíram na aquisição de valores para a vida, ou seja, o clima percebido revela-se um peso maior na transmissão de valores.

De forma a implementar o modelo bioecológico na investigação nas áreas das ciências do desporto, a pesquisa tem que ser geradora mais do que confirmadora (Krebs, 2009a). Ao procurar melhorar um comportamento que acontece dentro do contexto é necessário estar atento às propriedades do contexto ambiental e da pessoa que intencionalmente interage dentro deste contexto (Beek, 2009).

Os pais, treinadores e voluntários dentro de programas de deporto jovem devem ser avisados para a importância dos seus papéis e acções específicas que devem ser promovidas para produzir resultados positivos nos jovens. Uma entrega deliberada de programas de desporto jovem focados no desenvolvimento positivo dos jovens irá aumentar as experiências dos jovens no desporto e fornecer-lhes os skills necessários para se tornarem cidadãos activos e saudáveis (Strachan, 2008).

## 1.5 Objectivos do Estudo

Posto isto, do estudo levado a cabo e, relativamente aos outcomes de interesse e às variáveis do estudo são claramente identificados cinco:

- Analisar as relações sociais dominantes dos atletas;
- Determinar o efeito do tempo na expressão da participação desportiva em dois climas competitivos considerados (profissional versus de bairro);
- Analisar as atitudes e comportamentos veiculados nos dois contextos desportivos;
- Analisar os valores desportivos e aptidões sociais da participação desportiva
- Determinar influências contextuais para a prática desportiva dos jovens

## 1.6 Referências Bibliográficas

1. Abernethy, B. (2009). Some brickbats and bouquets for ecological approaches to cognition in sport. *Int J. of Sport Psychology*, 40, (1),136-144;
2. Araújo, D., & Davis, K. (2009). Ecological approaches to cognition and action in sport and exercise: Ask not only what you do, but where you do it. *Int J. Sport Psychol*, 40 (1), 5-38;
3. Beek, P.J. (2009). Ecological approaches to sport psychology: prospects and challenges. *Int J. Sport Psychol*, 40 (1), 144-152;
4. Bengoechea, E.G. (2002). Integrating knowledge and expanding horizons in developmental sport psychology: A bioecological perspective. *Quest*, 54, 1-20;
5. Bengoechea, E.G., & Johnson, G. M. (2001). Ecological systems theory and children's development in sport: Toward a process-person-context-time research paradigm. *Avante*, 7, 20-31;
6. Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development. Experiments by nature and design*. London, England: Harvard University Press;
7. Bronfenbrenner, U. (1988). Interacting systems in human development. Research paradigms: Present and future. In N. Bolger, A. Caspi, G. Downey, & M. Moorehouse (Eds.), *Persons in context: Developmental processes* (pp.25-49). New York: Cambridge University press. Copyright;
8. Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.). *Six theories of child development: revised formulations and current issues* (pp. 187-249). London: Jessica Kingsley.Reprinted with permission from Jessica Kingsley Pub, Ltd;
9. Bronfenbrenner, U. (2001). The bioecological theory of human development. In Neil Smelser & Paul Baltes (Eds.), *International encyclopedia of the social and behavioral sciences* (Vol.10, pp. 6963-6970). New York: Elsevier;
10. Bronfenbrenner, U. (2002). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. (M.A.V. Veronesi, Trad) Porto Alegre, Artes Médicas. Obra original publicada em 1979;

11. Bronfenbrenner, U. (2005). Social status. Structure and development in the classroom group. In U. Bronfenbrenner (Ed.). *Making Human Beings Human. Bioecological Perspectives on Human Development.* (22-26). California: Sage Publications;
12. Bronfenbrenner, U., & Crouter, A.C. (1983). The evolution and environmental models in developmental research. In William Kessen (Ed.), *Handbook of Child Psychology* (4<sup>th</sup> ed, Vol.1, pp. 357-414). New York: Wiley;
13. Bronfenbrenner, U., & Morris, P.A. (2006). The bioecological model of human development. *Handbook of Child Psychology.* John Wiley & Sons, Inc.
14. Cairns, R.B., & Cairns, B.D. (2005). Social ecology over time and space. Bronfenbrenner (Ed.). *Making Human Beings Human. Bioecological Perspectives on Human Development.* California: Sage Publications;
15. Copetti, F. (2001). *Estudo exploratório dos atributos pessoais de tenistas.* Dissertação de Doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria
16. Côté, J., Baker, J., & Abernethy, B. (2007). Practice and play in the development of sport expertise. In R. Eklund & G. Tenenbaum (Eds.), *Handbook of sport psychology* (3rd ed., pp. 184-202). Hoboken, NJ: Wiley;
17. Côté, J., Ericsson, K.A., & Law M.P. (2005). Tracing the Development of Athletes Using Restrospective Interview Methods: A Proposed Interview and Validation Procedure for Reported Information. *Journal of Applied Sport Psychology, 17,* 1-19;
18. Côté, J., & Fraser-Thomas, J. (2007). Youth involvement in sport. In P. Crocker (Ed.), *Sport psychology: A Canadian perspective* (pp. 270-298). Toronto: Pearson;
19. Côté, J., Lidor, R., & Hackfort, D. (2009). ISSP Position Stand: To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lad to continued participation and elite performance. *International Journal of Sport and Exercise Psychology, 7,* 1: 7-17;
20. Côté, J., Strachan, L., Fraser-Thomas, J. (2009). Participation, personal development, and performance through sport. In N. L. Holt (Ed.), *Positive youth development through sport* (pp. 34-45). London: Routledge;
21. Ericsson, K. A., Krampe, R. T., & Tesch-Romer. C. (1993). The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance. *Psychological Review, 100,* 3, 363-406;
22. Hackfort, D. (1986). *Theorie und Analyse sportbezogener Aengstlichkeit* [Theory and analysis of sport-related trait anxiety]. Schorndorf: Hofmann;
23. Holt, N.L., Tink, L.N., Mandigo, J.L. & Fox, K.R. (2008). Do Youth learn life skills through their in Kohn, M.L. (1995). *Social Structure and Personality Through Time and Space.* In P. Moen, G. H. Elder & K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context. Perspectives on the ecology of human development* (pp.141-168), Washington DC: American Psychological Association;
24. Krebs, R.J. (1992). From motor stimulation to specialization: first draft of a theory of motor specialization. *Revista Kinesis, 9,* 29-44;
25. Krebs, R. J. (1995). *Urie Bronfenbrenner e a ecologia do desenvolvimento humano.* Santa Maria: Casa Editorial;

26. Krebs, R.J. (2006). A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano e o contexto da educação inclusiva. *Inclusão. Revista da Educação Especial (versão electrónica)*, 2 (2), 40-46;
27. Krebs, R.J. (2009a). Bronfenbrenner's Bioecological Theory of Human Development and the process of development of sports talent. *Int J. of Sport Psychology*, 40, (1), 108-136;
28. Krebs, R.J. (2009b). Proximal process as the primary engines of development. *Int J. of Sport Psychology*, 40, (1), 219-227;
29. Krebs, R., J., Copetti, F., Serpa, S. & Araújo, D., (2008). Disposições pessoais de tenistas jovens: um estudo fundamentado na teoria bioecológica de Bronfenbrenner. *Revista Brasileira Psicologia Esporte*, 2 (2), 1-24;
30. Laurin, R., & Nicolas, M. (2009). Conscientiousness, self-determination, and satisfaction in soccer academies: a longitudinal perspective. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*;
31. Mota, J. (1997). A actividade física no lazer. Reflexões sobre a sua prática. Lisboa: Livros Horizonte;
32. Pikora, T., Giles-Corti. B., Bull. F., Jamrozik, K., & Donovan, R. (2003). Developing a framework for assessment of environmental determinants of walking and cycling. *Soc Sci Med* 2003, 56, 1693-1703;
33. Renshaw, I., Davids, K., Shuttleworth, R., & Chow, J.Y. (2009). Insights from ecological Psychiatry and Dinamical System. Theory can underpin a philosophy of coaching. *International Journal of Sport Psychology*, 40 (4), 580-601;
34. Rose-Krasnor, L. (2009). Future Directions in Youth Involvement Research. *Social Development*, 18 (2), 497–509
35. Rose-Krasnor, L.; Busseri, M. A.; Willoughby, T., & Chalmers, H. (2006). Breadth and Intensity of Youth Activity Involvement as Contexts for Positive Development. *Journal of Youth and Adolescence*, 35 (3), 385-499;
36. Spencer, J.C., & Lee, R.E. (2003). Toward a comprehensive model of physical activity. *Psychol Sport Exerc*, 4:7-24
37. Stefanello, J. (2008). A participação da criança no desporto competitivo: uma tentativa de operacionalização e verificação empírica da proposta teórica de Urie Bronfenbrenner. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra. Tese de Doutoramento não publicada;
38. Strachan, L.A. (2008). An ecological approach to examining positive youth development in competitive youth sport. School of Kinesiology and Health Studies. Queen's University. Tese de Doutoramento não publicada;
39. Strachan, L., Côté, J., & Deakin, J. (2009). An Evaluation of Personal and Contextual Factors in Competitive Youth Sport. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21 (3), 340 – 355;

40. Vieira, J.L. (1999). *O processo de abandono de talentos do atletismo no estado do Paraná: um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria;
41. Vieira, L.F. (1999). *O processo de desenvolvimento de talentos paranaenses do atletismo: Um estudo orientado pela teoria dos sistemas ecológicos*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria;
42. Welk, G.J. (1999). The youth physical activity promotion model: A conceptual bridge between theory and practice. *Quest*, 51,5-23;
43. Wilkes, S., MacDonald, D.J., Horton, S., & Côté, J. (2009). The benefits of sampling sports during childhood. *The Physical and Health Education Journal*, 6-11;
44. Wolfenden, L. E., & Holt, N. L. (2005). Talent development in elite junior tennis: Perceptions of players, parents, and coaches. *Journal of Applied Sport Psychology*, 17, 108-126.

## **Capítulo 2**

### **A Dimensão Social de um Clube Desportivo de Bairro nos Subúrbios do Porto e Percepção dos Outros Significativos na sua Construção**

#### **Resumo**

O desporto tem sido amplamente usado como instrumento social. O estudo foca as experiências desportivas e 12 atletas sub-16 e sub-14, num clube social e tenta examinar as percepções e expectativas dos jovens atletas. Procura entender os factores contextuais que influenciam a participação desportiva e tenta determinar a direcção, forma e qualidade das relações interpessoais estabelecidas. A perspectiva segundo o qual um clube desportivo tem um significado social é discutido. Usando observações, entrevistas de grupo e análise documental com jovens atletas na organização desportiva ao longo de um ano, a equipa de pesquisa obteve resultados positivos na procura de determinantes do contexto em ambiente desportivo de equipa. As políticas públicas para o desenvolvimento destes resultados nos jovens precisam de endereçar a raiz situada dentro destas forças estruturais, como apontadas no estudo.

## Introdução

A participação desportiva dos jovens tem sido alvo de intenso estudo tanto por grupos de pesquisadores (De Knop, Wylleman, Theeboom, De Martelaer, Van Hoecke & Van Heddegem, 1999; Scheerder, Thomis, Vanreusel, Lefevre, Renson, Vanden Eynde & Beunen, 2006; Casey, Eime, Payne and Harvey, 2009); Jakobsson, Lundvall, Redelius & Magnus Engstrom, 2012) como por instituições governamentais (Sport Canada, 2003; Sport for Social Change Network Southern Africa, 2012). Diversos estudos têm relacionado o desporto jovem organizado numa variedade de contextos sociais e programas desportivos (Skille & Waddington, 2006), bem como programas de intervenção comportamental (Smith, Smoll & Christensen, 1996) e organizações governamentais (NCYS, 2008) e através de um sem número de instituições sociais cuja legitimização se encontra nos potenciais benefícios educacionais do desporto jovem.

Segundo dados recentes de Portugal (2011) o desporto federado tem vindo a perder atletas nos últimos anos. Em 2010 eram 518.968 atletas sensivelmente metade de 2006. Relativamente aos escalões de formação existem em Portugal e até ao escalão de Juniores 290.169 atletas em todas as modalidades, sendo que existe o triplo de atletas masculinos em relação ao sexo feminino. Em relação ao futebol o número total de atletas inscritos tem aumentado e ronda os 148.000 actualmente.

O movimento de programas de desporto organizado para crianças e jovens teve a sua génese no fim do séc. XVIII e início do séc. XIX (Shields & Bredemeier, 1995). O tempo livre dos jovens é altamente estruturado sob várias formas organizacionais e as comunidades têm estabelecido diferentes programas para o envolvimento dos jovens em programas desportivos (Podilchak, 1983). O desporto pode promover o desenvolvimento pessoal e social positivo em jovens (Côté, Strachan & Fraser-Thomas, 2009) e presumivelmente actua como forma de desenvolvimento e mudança social em alguns *clusters* sociais pertencentes a sub culturas fixas (Giddens, 1991).

A partir deste pano de fundo torna-se importante determinar a sua envolvência, comprometimento e investimento no desporto federado e consequentemente as reciprocidades nesta relação do desporto como local de prática e edificação de costumes e práticas sociais. Com efeito, nos últimos anos tem sido alvo de atenção o ênfase no desporto jovem com relação à participação e adesão e a sua ligação a um estilo de vida activo na adultície (Vanreusel, Renson, Beunen, Claessens, Lefevre, Lysens & Vanden Eynde, 1997; Perkins, Jacobs, Barber & Eccles, 2004; Scheerder et al. 2006; Gonçalves, Carvalho & Light, 2011) e como contributo para desenvolvimento dos jovens (Lau, Fox & Cheung, 2004; Bengoechea & Strean, 2007; Coakley, 2011).

Sendo este um processo eminentemente cultural (Rogoff, 2003), pesquisadores veem o desenvolvimento dos jovens como função da interação entre os indivíduos e características do seu ambiente e contexto social (Bronfenbrenner & Morris, 1998). A dinâmica da relação entre o indivíduo e os contextos sociais formam, por conseguinte, a base do comportamento e mudança no desenvolvimento (Lerner, 2002).

Torna-se então importante determinar a importância do contexto (De Knop, Wylleman, Theeboom, De Martelaer, Van Hoecke & Van Heddegem, 1999). A análise das determinantes da performance e mais especificamente o contexto de bairro social como preditivo de comportamentos relacionados com a função social do desporto. O estudo pretende também verificar o conjunto de relações interpessoais determinantes para a prática desportiva e equacionar a participação desportiva com o desenvolvimento na perspectiva dos jovens em comunidades desfavorecidas.

## Métodos

### Participantes

Participaram no estudo 12 jovens constituindo dois grupos iguais de intervenção experimental nos dois escalões referenciados, Juniores B (sub17) e Juniores C (sub 15) do Clube de Orientação Social (COS). Os dados foram recolhidos e analisados a partir de um clube de bairro social durante um período de um ano desportivo de 2010/2011.

Os 12 participantes foram entrevistados em grupo por escalão e foram seleccionados pelo treinador de acordo com os papéis que ocupam no seio da equipa, ou seja, mais disciplinado, mais irreverente, capitão, sub-capitão, melhor jogador e jogador com maiores necessidades. Esta escolha serve o propósito do trabalho de investigação porque serão os casos extremos que melhor irão explicar as categorias que estão em análise no guião de entrevista pré-estabelecido. Os escalões foram igualmente observados ao longo da época desportiva através da participação observante e recolha documental num total de mais de 60 horas de observação dividido em dois períodos, início e fim de época desportiva.

### Procedimentos

O questionário sobre a informação demográfica foi cruzado com a informação do pai ou guardião. Como algumas perguntas eram retrospectivas pela sua natureza, este procedimento aumentou a fiabilidade da informação providenciada (Law, Côté, & Ericsson, 2007).

A comissão de ética da Universidade aprovou o estudo. Para aceder à comunidade foi utilizada uma abordagem de contacto via e-mail a explicar em súpula o trabalho a desenvolver e posteriormente foi feita uma aproximação aos elementos-chave da organização desportiva. Foi agendada uma reunião introdutória para servir de explicação do propósito, procedimentos e detalhes do estudo. Depois de conseguido um consentimento informado do COS prévio à realização do estudo e depois da observação de campo de forma a perceber a mecânica do clube procedeu-se às entrevistas de grupo.

Antes de começar as entrevistas de grupo com os participantes, certificou-se que os mesmos percebiam na íntegra o propósito e a natureza do estudo e como os resultados podiam ser utilizados. As entrevistas decorreram numa sala nas instalações do clube devidamente equipada e com conhecimento dos dias das entrevistas ao vice-presidente, coordenador do futebol juvenil do clube e treinador respectivo. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio por equipamento especializado da marca Olympus VN-8600PC. No final do dia as entrevistas eram transcritas *verbatim* e confirmadas novamente através do gravador para actualizar a transcrição. Os entrevistados são identificados pelo escalão a que pertencem e numerados pela disposição na mesa.

As considerações éticas como o anonimato e a confidencialidade foram explicadas aos participantes antes da entrevista, sendo que os investigadores continuamente procuraram a empatia com os entrevistados e evitaram quaisquer formas de comportamento pouco ético.

#### Recolha de Dados

A Abordagem Ecológica do Desenvolvimento privilegia estudos longitudinais, com destaque para instrumentos que viabilizem a descrição e compreensão dos sistemas da maneira mais contextualizada possível. Para a recolha de dados foi utilizada a triangulação de métodos, nomeadamente, observação participante, recolha documental e entrevistas de grupo (Miles & Huberman, 1994; Silverman, 2010). A combinação de métodos permitiu proceder a uma validação cruzada e adicionar descrições emergentes (Lessard-Hérbert, Goyette, Boutin, 2008). Cada grupo respondeu às mesmas questões, contudo e devido à dinâmica das próprias entrevistas o fluxo das mesmas não foi igual. Estas incluíram as condições organizativas e estruturais do clube, clima gerado no COS, relação com a comunidade e poder político, relações interpessoais com os adultos e perspectivas de participação desportiva.

Para aprofundar os conceitos em causa, os entrevistados eram convidados a partilhar as suas experiências de uma forma flexível e oportunamente o entrevistador conduzia a entrevista para o confronto de ideias. As entrevistas de grupo foram estandardizadas e houve a preocupação de manter certas invariantes como o espaço, tempo da entrevista em relação ao treino, gravador, respeito pela confidencialidade e anonimato.

### Análise de Dados

As entrevistas transcritas foram traduzidas *verbatim* e a análise de conteúdo foi utilizada como procedimento para organizar e codificar as entrevistas em blocos representando um tema em comum. A análise iniciou-se codificando as frases dos entrevistados, comparando-as com os códigos definido a priori e com a exposição flexível das experiências dos entrevistados e posterior codificação de dados emergentes. Esta análise foi guiada pelo conteúdo dos dados recolhidos e apoiado em códigos antecipadamente determinados (Miles & Huberman, 1994; Atkinson & Hammersley, 2007) e *memos* colocados ao longo dos códigos (Lofland, 2002) que serviram de balizas à pesquisa subsequente.

Depois da identificação dos temas procedeu-se a uma análise indutiva através da categorização e na parte final do trabalho a construção de dimensões tendo por base as categorias definidas. Esta análise foi elaborada em separado pelos investigadores e procedeu-se à discussão dos resultados até se atingir um consenso. É importante referir que um pesquisador externo com uma extensa experiência na análise de conteúdo validou o processo de codificação.

A revisão das notas diárias e outros dados recolhidos ao final do dia ajudaram a estabelecer o plano para a próxima etapa através da análise temática e os dados do diário de campo. No final do tratamento dos resultados foram criados três grandes dimensões críticas que ilustram e englobam as 6 categorias delineadas e que têm em conta três esferas de intervenção: Desenvolvimento do jovem, relações interpessoais e contexto de prática (Tabela 1).

Tabela 1 - Categorias Principais e grupos de respostas COS

Dimensões Críticas	Categorias Principais	Grupo de Respostas
Desenvolvimento Pessoal e Auto Melhoramento	Identidade e Experiências	Envolvimento Desportivo
		Adesão Desporto
	Iniciativa e Experiências	Benefícios Físicos
		Benefícios Pessoais
Processos Proximais e Interacções Sociais	Relações Sociais	Relações Interpessoais
		Papel Intra-Equipa
	Skills Sociais e Comportamento	Clima de Grupo
		Benefícios Sociais
Contexto Desportivo e Realização	Integração Social e Network Adultos	Integração Comunidade
		Suporte Outros significantes
	Outros Significantes e Experiências	Relações Escola
		Suporte e Logística
		Estrutura Clube
		Papel Adultos

### Desenho da Pesquisa

O estratégia de cariz etnográfico permitiu obter uma perspectiva aprofundada e uma interpretação do significado e funções das acções humanas (Hammersley, 1992; Atkinson & Hammersley, 2007; Silverman, 2010) e de sentidos (Sparkes, 2009) presentes na vida diária do clube desportivo; bem como a experiência e comportamento da maioria dos membros de uma determinada cultura desportiva (Sands, 2002).

O viés está inerente à pesquisa qualitativa (Miles & Huberman, 1984; Maxwell, 2002; Sadler, 2002 & Neuman, 2003), em particular, porque o pesquisador é o instrumento, o passado pessoal, os interesses e pontos de vista tornam-se parte da análise e na linha de Polkinghorne (2003) resulta a necessidade de medidas de qualidade na definição da pesquisa etnográfica (Lutzhof, Nyce & Petersen, 2010)

Neste estudo, o pesquisador procurou entender a ecologia particular de um clube desportivo de bairro e os comportamentos e atitudes associados através da perspectiva dos seus actores principais. A validade interna foi conseguida através de repetidas observações, múltiplas formas de recolha de dados e posterior triangulação no seguimento dos quatro diferentes tipos de validade proporcionados na leitura de Maxwell (2002).

## Informação Demográfica e biográfica

A tabela 2 representa alguns indicadores sociométricos sobre a prática desportiva dos jovens atletas. Os dados aparecem referenciados por idade de prática ou por escalão consoante a utilidade na apresentação dos resultados e posterior discussão. Os dois escalões analisados revelam que em termos de iniciação desportiva, os jovens Junior C (sub-15) começaram entre os 10 e os 11 anos de idade enquanto que o Junior B (sub-17) começaram entre os 8 e os 10 anos de idade.

Tabela 2 - Dados relativos à prática desportiva no COS

	Clube Orientação Social			
	INIC 1º ano(n=15)	INIC B (n=8)	JUV A (n=10)	JUVB (n=10)
Anos de Prática Desportiva (Anos)	3,11	4	5,9	6,6
Início de Prática Desportiva (Anos)	10,89	9,63	10,1	8,4
Mobilidade Clube (%)	13		71,4	

Em relação aos anos de prática desportiva, o primeiro grupo apresenta valores entre os 3 e os 4 anos de idade enquanto que o escalão de Junior B naturalmente apresenta valores mais elevados entre os 6 e os 7 anos de prática. Quando se fala de mobilidade de jogadores, ou seja, jogadores que representaram um outro clube no seu percurso além do actual constatamos que os escalões apresentam valores diametralmente opostos, 13% no escalão de Junior C e 71% no escalão de Junior B.

Como demonstra a tabela 3, ao analisar a estrutura familiar dos jovens dos dois escalões, o escalão dos Junior C apresenta uma percentagem elevada de pais separados (34,78%) enquanto que no escalão de Junior B o valor ronda os 28,57%. Do dados referentes à estrutura familiar dos jovens dos referidos escalões percebe-se uma desagregação familiar acentuada, sendo que grande parte dos jovens vive em situação de monoparentalidade ou com os avós.

Tabela 3 - Estrutura familiar dos grupos desportivos do COS

Estrutura Familiar (%) <sup>1</sup>	Juniores C	Juniores B
Pais Juntos	65,22% (15)	71,43% (15)
Pais Separados	34,78% (8)	28,57% (6)

<sup>1</sup> No COS houve 3 casos de respostas indefinida. A percentagem que falta no apuramento dos resultados deve-se a este facto não exposto aqui.

## Apresentação dos Resultados

A análise de dados resultou a emergência de 3 dimensões críticas, 6 categorias de análise e 16 grupos de respostas. As categorias escolhidas foram guiadas a partir das discussões iniciadas pelas perguntas das entrevistas semi-estruturadas e do diário de campo que foi elaborado e constituíram o esquema adoptado na apresentação dos resultados.

### Identidade, Iniciativa e experiências

A literatura é vasta quando se retratam as orientações para realizar objectivos no desporto de jovens (Gill; Gross; Huddleston (1983); Serpa, 1992; Roberts, 1995; Dias, 1995; Costa, Diniz, Pereira (1997); Pereira, 1997). Os jovens encaram o desporto com o objectivo de se constituir como uma busca de relações sociais, a procura de novas amizades e divertimento, sendo este prazer pela actividade um das principais razões pelo engajamento no futebol. Os jovens referem que é a família, pais, irmão ou tio, a mola impulsionadora da adesão ao futebol. *“Também já jogo futebol desde os escolinhas e por isso gosto mais do futebol do que outras modalidades.” (JB3).*

Das entrevistas com os atletas do COS compreende-se vários benefícios relacionados com a prática desportiva. Os jovens demonstram desenvolvimento pessoal referindo o prazer e carácter lúdico que o desporto lhes proporciona. Referem igualmente que a prática desportiva proporciona-lhes a possibilidade de melhorar a forma física e o desenvolvimento do seu corpo.

“O desporto obriga-nos a fazer actividades físicas, um desenvolvimento harmonioso do corpo e somos saudáveis.” (JC4).

### Relações Sociais

Neste sentido, as relações que se estabelecem entre os diversos actores desportivos determinam a partilha de um espaço comum. Estas relações são habilmente designadas de processos proximais (Bronfenbrenner & Morris, 1998) e determinam três orientações no COS: relação dual pai-clubes, relação atleta-clubes e relação entre pares. Lorimer e Jowett (2009) afirmam que as percepções mútuas dos treinadores e atletas da relação entre si joga um papel chave tanto no desenvolvimento do sentido de compromisso como na própria satisfação ao fazê-lo.

Neste sentido, segundo os jovens as relações vividas no clube revelam companheirismo e amizade e englobam todos os dirigentes responsáveis que contribuem para o funcionamento da estrutura do clube. Referem ainda relacionar-se

positivamente com toda a gente: amigos da escola, futebol, jovens de raças diferentes e/ou jovens de estratos sociais diferentes.

“...tenho tanto os meus amigos que tinha como tenho do futebol, são diferentes claro, mas eu continuo a dar-me bem com os dois. E até junto uns com os outros, (...) pode ser preto, branco, dou-me bem com toda a gente.” (JB3)

Na relação entre os pares os jovens percebem dois pontos a ressaltar: por um lado, a existência de uma hierarquia por parte dos mais velhos, a integração dos mais novos e/ou recém chegados e a gestão de conflitos. Esta percepção é menos notória no escalão de junior C. De igual forma, os jovens especialmente o escalão de junior B, mais estruturado afirmam não existir acessos de superioridade o que revela segundo eles, união de grupo, *“Somos todos, somos todos grandes jogadores(...). Não há ninguém que chegue ali e diga : Eu sou o melhor, ninguém me ganha, ninguém me supera...”* (JB4).

A entreaajuda e apoio nos jogadores Junior B é maior relativamente ao escalão de Junior C e essa superior capacidade de comunicação revela-se tanto nos treinos como nos jogos: *“...apoiaram-me muito, levantei a cabeça (...)e dei estabilidade à equipa. Isso acontece, nós apoiamos-nos muito uns aos outros quando um falha”* (JB1). Em sequência, a integração no seio da equipa segundo as palavras dos jovens é feita automaticamente, transmitem confiança e, segundo eles, enturmam facilmente os colegas novos:

“Passado uma semana é como se ele tivesse connosco para aí há três, quatro anos (...).Os jogadores que vêm de fora e que entram na equipa tentam sempre olhar para os jogadores que já estão aqui há mais tempo” (JB2)

O papel específico de capitão de equipa apresenta certas características que segundo os jovens definem o papel que representa no balneário e nos jogos. Os colegas falaram em frente ao capitão (exposição directa) as qualidades que pensam ser distintivas para o cargo que ocupa. Características como o saber estar e imposição dentro do campo, qualidades nas relações sociais que mantêm, a prontidão para ajudar os colegas, um comportamento mais calmo e assertivo na condução da equipa e as qualidades técnicas que evidenciam são apontadas como características distintivas dos jovens escolhidos. Este papel específico dentro da equipa no escalão de Junior B é mais consensual relativamente ao escalão de Junior C onde a posição torna-se mais ambígua.

“Ou quando se perde qualquer um jogador, mas o capitão ainda é pior (...) os jogadores têm que respeitar porque se ele foi eleito capitão, (...) e a quipa vai muito abaixo, quando ele é expulso.” (JB2)

O envolvimento no desporto pelos jovens jogadores é realizado no âmbito de um nível de recrutamento realizado de uma forma casuística, sem grande rigor e

planeamento por parte do clube. Os jovens aparecem no clube para jogar vindo de esquemas de selecção em que foram excluídos mas também impulsionado pelo círculo próximo dos jovens e bastante específico de cada jogador, ou seja, amigo, treinador ou família são responsáveis por esta mobilidade. Ela é não direccionada e com uma estruturação débil, em que predominam razões negativas como não terem clube, a iminência de não jogar no clube anterior, desprezo por parte de antigos treinador e também a localização geográfica: *“Não me punham a jogar e então esse amigo meu falou-me do (clube), é perto da minha casa também. Vim para aqui e desde que vim comecei logo a jogar e desde aí joguei sempre”* (JB2).

### *Skills Sociais e comportamento*

Predominam a emergência de certos valores inerentes à sua prática desportiva e em valores orientados para uma maior construção identitária. A projecção interior da construção da identidade em comportamento em jogo manifesta-se na capacidade de resiliência e na facilidade com que o jovem percebe o erro e tenta ultrapasá-lo, *“Eu fico chateado comigo mesmo mas tento reagir positivamente e tento na próxima fazer melhor, tentar aprender com os meus erros.”* (JC2)

Ao falar dos benefícios sociais decorrentes da prática desportiva, os jovens salientam a capacidade demonstrada em se relacionar e integrar socialmente, sentido de união e confiança colectiva que os interliga em torno uns dos outros na construção de uma identidade. Este comportamento de unidade é mais visível no escalão mais velho, junior B em relação ao escalão junior C. Os jovens desportistas manifestam responsabilidade através do cumprimento de horários de treino e de jogo e aproveitamento do tempo livre para relacionar os estudos com a prática desportiva:

*“...Nós aprendemos a conciliar melhor o nosso tempo, a ter mais responsabilidades para as coisas...”* (JB5)

A coesão de grupo é importante para o êxito da equipa de futebol (Sayles, Strauss, 1975). Ela deve caracterizar-se segundo Gould & Weinberg (2001), por um processo dinâmico refletido na tendência do grupo em unir-se na busca de metas e objetivos e a falta de coesão interna dificulta a luta pelo objetivo comum, como se algo dificultasse a percepção motivacional ou se o grupo se dividisse para buscar, cada fração, o seu próprio objetivo. Os dois grupos encaram a relação entre si como a de uma família.

*“...as relações entre o grupo, o nosso grupo de pessoal é muito boa, conhecemo-nos já há alguns anos, sempre que estamos juntos é boa(...)Atletas que vêm de fora para entrar no nosso grupo (...)socializamos muito bem. Somos amigos uns dos outros tanto fora de campo como dentro de campo também...”* (JB2)

As percepções de coesão de grupo de uma equipa desportiva podem influenciar o bom desempenho dos atletas e o sucesso da equipa na busca dos objetivos (Carron Et Al., 2002; Carron, Bray & Eys, 2002; Sénécal, Loughhead & Bloom, 2008).

“...ajudo mais a compreender as falhas que eles têm dentro do campo (...) eles vão corrigindo. Tenho sorte que tenho um plantel que respeita mais ou menos o guarda redes...” (JB1)

A experiência competitiva revelada pelos dois escalões é forte, apesar de um clube ter sido campeão distrital da 2ª divisão e o outro ter descido da 1ª divisão distrital, ou seja experiências diametralmente opostas também pela forma como os jovens dos dois escalões retratam a presença da equipa em campo. Existe maior incidência disruptiva para o escalão de junior C, ao passo que os jogadores do escalão junior B conseguem fazer distinção entre o treino e a competição de fim de semana.

“Nos treinos é verdade que muitas vezes entramos muito menos nervosos, brincamos muito mais. Mas quando entramos dentro do campo para os jogos é muito mais sério e jogamos todos em conjunto” (JB4)

Da análise dos treinos e jogos dos respectivos escalões e entrevistas de grupo os jovens reconhecem que existe pouca concentração e rigor nos treinos ao contrário do carácter competitivo implícito do jogo. Os jogadores referem que nos treinos a brincadeira é maior e com a maior parte do plantel incluída, o que representa uma separação entre o que é o jogo e o treino.

“...Há jogadores que, como jogam nos treinos sérios depois também vão para os jogos sérios. E há outros, que é quase metade do plantel, que no treino brincamos claro, fazemos coisas que não fazemos nos jogos.” (JB3)

Os jovens junior C admitem que recorrem a faltas e comportamentos no limite da moralidade para impedir os adversários ou apenas para os destabilizar. Este comportamento é retratado sob a forma de dilema moral em ambiente desportivo por Lee (2008), cuja consequência mais evidente é o agravamento do comportamento disciplinar. Existe um demarcado comportamento desviante nos grupos do COS, com mais incidência nos grupos que apresentaram mais destruturação e perturbações no seu funcionamento ao longo da época desportiva, ou seja, juniore A e C.

#### Integração social e network de adultos

Concomitantemente, existem algumas relações cuja direccionalidade é negativa. Principalmente a relação treinador-clube demonstra ligações frágeis de consentimento em mais do que um grupo dentro do clube. Os escalões de junior A e C manifestaram durante grande parte do ano convulsões internas e turbulência derivado de problemas

organizacionais do clube e de relacionamento entre treinadores e clube, que os comprometeu também em termos desportivos. A importância desta relação dual está referenciada na literatura (Smith, Smoll & Cumming, 2007).

“A coisa do despedimento, a equipa não chegou a saber, não soube de nada. Só disseram que o treinador ia embora (...) Há pessoas dentro do grupo que sabem, porque...pronto....sabem...” (JC4)

Os jovens junior C percebem as dificuldades e os interesses que se instalaram no interior do clube, reconhecem ainda a participação negativa de um dirigismo interesseiro. Ambos os grupos desportivos revelam consciência das dificuldades de sobrevivência do clube, esta percepção dos acontecimentos torna-os inseparáveis dos problemas: *“Há problemas internos dentro do grupo...acho que há aqui mais gente (...) Chuchar (...) Há gente interesseira dentro dos clubes que não devia de existir.”* (JC3)

Dentro daquilo que são as relações positivas que se estabelecem no microsistema do clube, o Clube de Orientação Social (COS) vive bastante dependente da capacidade dos pais em providenciar apoio para as camadas de formação. Os jovens têm a percepção de que a relação pai-clube tornou suportável as dificuldades de várias ordens, uma relação definida pela necessidade de suprir dificuldades do momento. *“...se não fosse a ajuda dos pais do futebol juvenil eu acho que o clube X já tinha acabado porque não tem mesmo condições para entrar nas competições.”* (JB1)

Em relação às condições e estrutura, o apoio municipal é visto como um ponto importante na melhoria das infra estruturas, mas inexistente. Na óptica dos jovens, este exossistema aqui compreendido, devia ser mais interventivo na resolução dos problemas do clube e percebem esta relação com inconformismo.

“...se fossem filhos deles claro que eles apostavam num sintético aqui e melhores instalações (...)há dois clubes no Porto que têm pelado(...)sempre que joga fora vamos jogar ao sintético.” (JB1)

#### Outros Significantes e Experiências

As dificuldades físicas e económicas do clube são pontos importantes e são um problema estruturante na vida desportiva do clube. Os jovens reconhecem que direcções anteriores tornaram este microsistema desportivo desagregado e com um destino incerto: *“...Pessoas que apareciam aí que eram todas amigas do clube X (...)se calhar aproveitaram-se do clube (...) viram que o clube está numa má posição puseram-se a andar.”* (JC3). Contudo, a relação atletas-clube (o processo proximal mais importante) apresenta aspectos positivos onde os jovens procuram ajudar o clube e percebem o seu papel na comunidade (mesossistema).

“...muitos deles daqui são rapazes que moram em bairros (...) estivessem aqui não quer dizer que estavam a fazer asneiras (...) se calhar ao virem para aqui, se calhar acaba por distraí-los e mudar o comportamento deles.” (JB5)

## Discussão

Nesta secção propomos dividir o texto segundo as três dimensões que surgiram através de uma aproximação indutiva. Esta abordagem baseia-se na teoria de Bronfenbrenner e procura agrupar os blocos de informação segundo três parâmetros teóricos, primeiro a perspectiva da pessoa e do seu processo de desenvolvimento; segundo o processo de interacção social que se desenrola entre os vários actores sociais e o contexto e, por fim, o contexto de realização desportiva.

### Desenvolvimento pessoal e auto melhoramento

A literatura é vasta quando se retratam as motivações dos jovens para a participação no desporto (Serpa, 1992; Roberts, 1995; Dias, 1995; Costa, Diniz, Pereira 1997; Pereira, 1997; Coelho e Silva, Sobral e Malina, 2009). Em linha com a literatura, predominam factores como estar em forma, fazer amizades. Os benefícios do desporto para estes jovens a par da necessidade em quebrar barreiras torna-se uma realização importante (Holt, Kingsley, Tink & Scherer, 2011).

De igual forma, a participação desportiva tem sido considerada um recurso forte dos jovens na sua relação com o ambiente (Mueller, Lewin-Bizan, Urban, 2011) e resultado de experiências positivas nas dimensões estrutura treino, comunicação treinador, suporte pais e relação com os pares (Fraser-Thomas, Cotê & Deakin, 2008).

Num estudo interessante, MacPhail, Kirk e Eley (2003), utilizaram como método de recolha de dados Técnica de Grupo Nominal em 600 jovens dos 14 aos 18 anos de idade responderam à pergunta: “O que pode ser feito para facilitar a participação desportiva dos jovens?”. O estudo devolveu 5 categorias principais e 19 grupos de respostas. A categoria mais importante assinalada pelos jovens foi “Condições” onde predominou como grupo de resposta a “oferta de condições da escola e/ou do clube”; a segunda categoria mais importante foi a do “Clima” em que o grupo de resposta dominante foi “Inclusividade”. O treinador revelou-se a pessoa mais importante e os recursos físicos do clube, o ponto mais saliente, ou seja, percebe-se a influência e importância das variáveis socio-ambientais na capacidade de modelagem das experiências dos jovens envolvidos em prática desportiva.

Variáveis que, segundo Bengoechea e Streat (2007) enfatizam a importância de várias influências motivacionais do contexto interpessoal da prática desportiva dos jovens. Na determinação da participação desportiva, os factores ambientais são um

tópico de preocupação actual na sua relação com a actividade física, apesar de não se constituírem um tópico tão bem estudado como as variáveis psico-sociais (Lau, Fox & Cheung, 2006).

#### Processos Proximais e Interações Sociais

É pouco conhecida a influência da natureza e clima motivacional promovida pelos pares no comportamento e experiências apesar de ser reconhecida a importância de um clima orientado para os pares criado pelos jovens e treinadores (Vazou et al., 2006), dimensões específicas no clima entre os pares com importantes implicações teóricas (Vazou, Ntoumanis & Duda, 2005). Estas dimensões vão de encontro com os resultados do COS, onde emergem os valores da cooperação e esforço, igualdade de tratamento e suporte. O presente estudo não verificou, contudo, as dimensões de habilidade normativa, melhoria, competição intraequipa, avaliação da competência e sentido de autonomia. As equipas não apresentaram um clima com uma forte orientação para a tarefa, ou seja, revelando apenas o comprometimento e esforço como relevante.

Por exemplo, Gould, Flett e Lauer (2012) num estudo em jovens de bairro descobriram que quanto mais um clima é orientado para a mestria promovido pelos treinadores, maiores são os ganhos em desenvolvimento do jovem. Ou seja, deve ser dada particular atenção não só a mediadores cognitivos e orientação motivacional dos jovens, que se encontram fora do âmbito deste artigo, mas também a mecanismos contextuais e factores sociais na criação de relações interpessoais próximas (Wilson et al., 2006) em combinação com um suporte parental forte (Wilson, Lawman, Segal & Chappell, 2011).

No clima específico intra-equipa surge o papel do capitão de equipa. Apresenta certas características que, segundo os jovens, definem a sua representação no balneário e nos jogos, tais como, a responsabilidade intra-equipa e na sua relação com o exterior, a capacidade de liderança e em manter a calma, a capacidade em ser mais responsável nos comportamentos desviantes.

Porquanto as acções e clima criado pelo treinador tenham um importante influência no desenvolvimento pessoal e social dos jovens atletas (Smith, Smoll & Cumming, 2007) os treinadores e outros significativos devem examinar e testar os seus próprios valores com clara percepção da significância do papel do desporto na sociedade e dos jovens que comungam dessa participação (Lee, 2009).

Um estudo de Shields, Bredemeier, LaVoi & Power (2005) compara as percepções dos jovens relativamente ao comportamento anti-social dos colegas na construção de normas colectivas com a interiorização do seu próprio comportamento e

verificam que existe um comprometimento destas normas e da atmosfera moral no desporto jovem. Por seu turno, Bortoli, Messina, Zorba & Robazza (2012) referem que os factores situacionais, clima de performance e a atmosfera moral onde os comportamentos agressivos são encorajados determinam provavelmente comportamento antisocial por parte dos jovens atletas. De facto, o registo disciplinar evidencia comportamentos disruptivos importantes, nitidamente nos escalões menos estruturados (Juniões A e Juniores C) com um clima mais propenso ao anti-desportivismo, também com maior convulsão interna enquanto que o escalão menos indisciplinado (junior B) foi o que alcançou êxito desportivo o que supõe alguma ligação entre o comportamento desportivo e disciplinar do escalão com a qualidade nas relações interpessoais veiculadas.

O ensino de *skills* cooperativos dentro de um contexto competitivo de clube social são difíceis de quantificar. A análise adoptada explorou em que extensão o conhecimento e *skills* adquiridos no programa de participação desportiva se transfere para outros contextos e sistemas, expressão designada de validade de desenvolvimento por Bronfenbrenner (1979). Os resultados fazem emergir uma percepção de sentido de autonomia (Wilson et al., 2006) nas repostas dos jovens onde os valores sociais predominantes foram o cumprimento de horários, a capacidade de resiliência e responsabilidade especialmente na conciliação com o tempo de estudo dedicado à escola. Do estudo não é perceptível a influência positiva do treinador na criação destes valores ao invés de algum comportamento disfuncional criado (Bronfenbrenner & Evans, 2000).

Os jovens do escalão junior B estão mais implicados no processo de manutenção do grupo, no sentido de fortalecer cada vez mais a coesão da equipa e obter bons resultados (Rúbio, 2003). Nos dois grupos de análise existe um consenso generalizado de que grande percepção de coesão de grupo de uma equipa desportiva podem influenciar e ser benéfico para o bom desempenho dos atletas e o sucesso da equipa (Paskevich, Estabrooks, Brawley, and Carron, 2001; Carron, Colman, Wheeler, Stevens, 2002; Carron, Bray & Eys, 2002; Rúbio, 2003; Sénécal, Loughhead & Bloom, 2008) contudo a literatura afirma igualmente que a grande coesão pode ter efeitos negativos com consequências em 2 categorias: grupais e pessoais (Hardy, Eys & Carron, 2005). A diferença entre o comportamento no treino e o carácter competitivo dos jovens revela pouca estruturação na condução do treino e fraca atitude orientada para a tarefa, especialmente no escalão mais novo.

## Contexto Desportivo e Realização

Os bairros sociais como fenómeno urbano têm sido estudados como significado do espaço urbano na explicação da vida social e os seus efeitos diferenciados (Gonçalves, 1988; Matos, 1994). No campo da participação desportiva ela é maior quando disponível em bairros desfavorecidos (Quane & Rankin, 2006) e o engajamento dos jovens em programas desportivos requer um acordo de equilíbrio entre as normas e valores dos grupos (Yancey, Ory & Davis, 2006) na tentativa de ultrapassar barreiras socialmente criadas (Hellison, 2000).

A pesquisa no terreno examinando a associação entre atributos ambientais e actividade física entre os jovens está a crescer (Ding, Sallis, Kerr, Lee & Rosenberg, 2011; Wilson, Lawman, Segal & Chappell, 2011). A mobilidade descendente dos jovens pressupõe trajectórias e padrões de participação desportiva negativas. Este facto resulta provavelmente dos poucos recursos no ambiente onde se inserem, ou seja, existem variáveis sócio-ambientais como apoio social dos pares, pouca acessibilidade e oportunidades de prática que limitam a participação dos jovens (Hohepa, Schofield & Kolt, 2006). A ausência de objectivos competitivos e de carreira desportiva pressupõe que as condições estruturais e organizacionais do clube têm um grande impacto nas percepções das experiências desportivas por parte dos jovens.

Vários estudos reconhecem a importância da influência parental na participação desportiva dos filhos, na sua relação de suporte e apoio (Wuerth, Lee & Alfermann, 2004; Holt, Tamminen, Black, Sehn, Wall, 2008; Ullrich-French & Smith, 2009) e na influência da actividade física dos filhos a longo termo (Yang, Telama & Laakso, 1996). Dentro daquilo que são as relações sociais que se estabelecem no microsistema do clube, os jovens percebem a importância dos pais em providenciar apoio social (Wilson et al., 2006) e se envolverem na experiência desportiva dos filhos e capacidade interventiva na vida do clube. Este construto é referenciado por autores como Power e Woogler (1995); Van Yperen (1995); Babkes e Weiss (1999); Welk, Babkes e Schaben (2009) e Visscher, Elferink-Gemser e Lemmink (2009).

São poucos os estudos que relacionem o baixo estatuto sócioeconómico (ESE) com acessibilidade no desporto por parte dos jovens (Coakley, 1992; Walters, Barr-Anderson, Wall, Neumark-Sztainer, 2009; Dollman & Lewis, 2010). Torna-se fora do âmbito deste artigo explorar mais aprofundadamente o real impacto desta variável em específico no acesso e participação desportiva dos mais desfavorecidos.

A par do ESE e ainda que os registos biográficos demonstrem que a estrutura familiar tradicional está comprometida (a maioria dos jovens vive em situação de monoparentalidade) e os pais apresentem níveis de escolaridade baixos, quando analisada a perspectiva dos pais verificamos mecanismos chave que contribuem para

resultados positivos em programas de desenvolvimento em jovens desfavorecidos. A qualidade dos tutores, incorporação de lições para o desporto e para a vida (*life social skills*), oportunidade para a interacção jovem-família, estrutura do programa e o providenciar de recursos (Riley & Butcher, 2012) mas também a importância do voluntariado dos pais na comunidade (Coulton & Irwin, 2009) são activos importantes na vida dos jovens.

Inquestionavelmente, as oportunidades de prática física nos jovens estão dependentes das influências ambientais (Tucker, Irwin, Gilliland, He, Larsen & Hess, 2009). Em relação às condições e estrutura, o apoio municipal (exossistema) é visto como importante na melhoria das infra estruturas. Esta relação torna-se ainda mais importante quando os jovens percebem o divórcio em relação ao clube no contexto desportivo da região. As dificuldades físicas e económicas são um problema estruturante na sua vida desportiva e representam um factor aglutinador em algumas relações interpessoais que se estabelecem, nomeadamente pais e atletas com o clube.

### Conclusão

Neste artigo tentou-se descrever as condições de prática dos jovens atletas num clube de orientação social de uma zona periférica da região do Porto. Discutiu-se de que forma o contexto interpessoal em ambiente de bairro influi no desenvolvimento de atitudes e comportamentos dos jovens atletas covariando com a posição social do clube.

A mobilidade descendente do COS tem evidências de percursos desportivos alienados e jovens vítimas de rotulagem negativa, quer seja por proveniência de bairro social, abandono do futebol ou fraco nível competitivo (sangria competitiva de outros clubes). A fraca organização do clube e estrutura social aparentemente débil dos pais não parece paradoxalmente impedir a criação de um microsistema de experiências humanas.

É do conhecimento que as experiências desportivas apropriadas dependem largamente da interacção e envolvimento dos pais, treinadores e pares. O estudo abre caminhos para perceber as relações proximais na reequação da função social de um clube predominantemente de formação. Os valores sociais podem emergir mesmo em contextos ecológicos desfavorecidos de prática desportiva sendo que os jovens apenas experimentam a actividade desportiva se os locais onde treinam e jogam conseguem catalisar as suas habilidades individuais e interesses. O ênfase deve ser

colocado na qualidade das relações interpessoais (clima) e em termos gerais o contexto de prática (condições).

### Referências Bibliográficas

1. Atkinson, P., & Hammersley, M. (2007). *Ethnography. Principles in Practice*. (3<sup>rd</sup> Ed.). London: Routledge.Taylor & Francis Group;
2. Babkes, M.L., & Weiss, M.R. (1999). Parental influences on children's cognitive and affective responses to competitive soccer participation, *Pediatric Exercise Science*, 11, 44-62.
3. Bengoechea,E.G., & Streaan, W.B. (2007). On the interpersonal context of adolescents' sport motivation. *Psychology of Sport and Exercise*, 8(2), 195-217.
4. Bortoli, L., Messina, G., Zorba, M., & Robazza, C. (2012). Contextual and individual influences on antisocial behaviour and psychobiosocial states of youth soccer players, *Psychology of Sport and Exercise*, 13(4), 397–406.
5. Bronfenbrenner, U. (1951). Toward an integrated theory of personality. In R.R. Black & G.V. Remsey (Eds.), *Perception: An approach to Personality*. New York: Ronald Press.
6. Bronfenbrenner, U. (1960). The Changing American Child: A Speculative Analysis. In *Reference papers on children and youth*, prepared for the Golden Anniversary White House Conference on Children and Youth, Washington, DC.
7. Bronfenbrenner, U. (1970). *Two worlds of childhood: U.S. and U.S.S.R*. New York: Russell Sage Foundation.
8. Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development. Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
9. Bronfenbrenner, U., & Crouter, A.C. (1983). The evolution and environmental models in developmental research. In W. Kessen (Ed.), *Handbook of Child Psychology* (4<sup>th</sup> edition, Volume1). Pp. 357-414. New York: Wiley.
10. Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological Systems Theory. In R. Vasta (Ed.), *Six Theories of child development: Revised formulations and current issues* (pp.187-249). London:Jessica Kingsley Pub. Ltd.
11. Bronfenbrenner, U. (2005). The Future of Childhood. In U. Bronfenbrenner (Ed.)*Making Human Beings Human. Bioecological Perspectives on Human Development* (pp.246-260). London, UK: Sage Publications (Reprinted from *The Future of Childhood*. In V. Greaney (Ed.). *Children: Needs And Rights* (pp. 167-186). New York: Irvington Publishers, Inc.).
12. Bronfenbrenner, U., & Morris, P.A. (1998). The ecology of developmental process. In W. Damon (Ed Série) & R.M. Lerner (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol1. Theoretical models of human development* (5<sup>a</sup> Ed., pp. 993-1028). New York: John Wiley.
13. Bronfenbrenner, U., & Evans G.W. (2000). *Developmental Science in the 21<sup>st</sup> Century: Emerging Questions, Theoretical Models, Research Designs and Empirical Findings, Social Development*, 9(1), 115-125.
14. Carron A. V., Bray, S. R., Eys, M. A. (2002). Team cohesion and team success in sport. *Journal of Sports Science*, 20. 119-126;

15. Carron A. V., Colman, M. M., Wheeler, J., Stevens, D. (2002). Cohesion and performance in sport: A meta-analysis. *Journal Sport & Exercise Psychology*, 24, 168-188.
16. Casey, M.M., Eime, R.M., Payne, W.R., and Harvey, J.T. (2009). Using a Socioecological Approach to Examine Participation in Sport and Physical Activity Among Rural Adolescent Girls. *Qual Health Res*, 19 (7), 881-893.
17. Coakley, J. (2011). What counts as positive development? *Journal of Sport and Social Issues*, 35(3), 306-324.
18. Costa, C., Diniz, J., Pereira, P. (1998). A motivação dos alunos para a Educação Física: A sua influência no comportamento nas aulas. In *Revista Horizonte*, XV, 86, 7-15.
19. Côté, J., Strachan, L., & Fraser-Thomas, J. (2009). Participation, personal development, and performance through youth sport. In N. Holt (Ed.), *Positive youth development through sport* (pp. 34-46). London: Routledge.
20. Coulton, C., & Irwin, M. (2009). Parental and community level correlates of participation in out-of-school activities among children living in low income neighborhoods. *Children and Youth Services Review*, 31(3), 300-308.
21. De Knop, P., Wylleman, P., Theeboom, M., De Martelaer, K., Van Hoecke, J., and Van Heddegem, L. (1999). The Role of Contextual Factors in Youth Participation in Organized Sport. *European Physical Education Review*, 5(2), 153-168.
22. Dias, I. - *Estrutura de Motivos da Prática da Actividade Física: Estudo em jovens dos dois sexos, dos 10 aos 14 anos de idade, do Concelho do Porto*. Porto: FCDEF, 1995 (documento não publicado).
23. Ding, D., Sallis, J.F., Kerr, J., Lee, S., & Rosenberg, D.E. (2011). Neighborhood Environment and Physical Activity among Youth: A Review, *American Journal of Preventive Medicine*, 41(4), 442-455.
24. Dollman, J., & Lewis, N.R. (2010). The impact of socioeconomic position on sport participation among South Australian youth, *Journal of Science and Medicine in Sport*, 13(3), 318-322.
25. Erikson, F. (1986). Qualitative methods in research on teaching. In M.C. Wittrock (Ed.), *Handbook of research on teaching* (pp. 119-161). New York: Macmillan.
26. Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2008). Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport, *Psychology of Sport and Exercise*, 9(5), 645-66.
27. Giddens, A. (1991). *Modernity and self-identity*. Cambridge: Polity.
28. Gonçalves, A.C. (1988). Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, iv, 15-32.
29. Gonçalves, C.E., Carvalho, H., Light, R. (2011). Keeping women in sport: Positive experiences of six women's experiences growing up and staying with sport in Portugal. *Asian Journal of Exercise & Sports Science*, 8 (1), 1-14.
30. Gonçalves, C.E., Coelho e Silva, M.J., & Cruz, J. (2007). Efeitos do género, contexto de prática e tipo de modalidade desportiva sobre os valores no desporto de jovens. *Boletim SPEF*, 32, 71-86.
31. Gould, D., Flett, R., & Lauer, L. (2010). The relationship between psychosocial developmental and the sports climate experienced by underserved youth. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(1), 80-87.

32. Hammersley, M. (2002). Ethnography and Realism (A.M. Huberman & M.G. Miles, Trans.). In A. Huberman & M. Miles (Eds.), *The Qualitative Researcher's Companion* (pp.65-81). London, UK: Sage Publications. (Reprinted from *Ethnography and Realism in what's wrong with ethnography?*, pp.43-56, 1992, London: Routledge).
33. Hardy, J., Eys, M.A., & Carron. A.V. (2005). Exploring the Potential Disadvantages of High Cohesion in Sports Teams. *Small Group Research*, 36(2), 166-187.
34. Hellison, D. (2000). Physical activity programs for underserved youth, *Journal of Science and Medicine in Sport*, Volume 3(3), 238-242.
35. Hohepa, M., Schofield, G., & Kolt, G. (2006). Physical Activity: What Do High School Students Think?, *Journal of Adolescent Health*, 39 (3), 328-336.
36. Holt, N.L., Kingsley, B.C., Tink, L.N., & Scherer, J. (2011). Benefits and challenges associated with sport participation by children and parents from low-income families. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(5), 490-499.
37. Holt, N.L., Tamminen, K.A., Black, D.E., Sehn, Z.L., & Michael P. Wall, M.P. (2008). Parental involvement in competitive youth sport settings *Psychology of Sport and Exercise*, 9(5), 663-685.
38. Jakobsson, B.T., Lundvall, S., Redelius, K. & Magnus Engstrom, L. (2012). Almost all start but who continue? A longitudinal study of youth participation in Swedish club sports. *European Physical Education Review February*, 18(1), 3-18.
39. Lau, P.W., Fox, K.R., & Cheung, M.W. (2006). Psychosocial and Socio-Environmental Correlates of Sport Identity and Sport Participation in Secondary School- Age Children, *European Journal of Sport Science*, 4(3), 1-21.
40. Law, M. P., Côté, J., & Ericsson, K. A. (2007). Characteristics of expert development in rhythmic gymnastics: A retrospective study. *International Journal of Sport and Exercise Psychology*, 5, 82-103.
41. Lee, M. J. (2009). Importance of values in the coaching process. In M.J. Coelho e Silva, A.J. Figueiredo, M.T. Elferink-Gemser & R.M. Malina (Eds.), *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness* (pp. 62-74). Coimbra, PT: University of Coimbra Press.
42. Lerner, R. M. (2002). *Concepts and theories of human development* (3rd ed.), Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
43. Lessard-Hérbert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2008). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas* (Recherche Qualitative) (3ª Ed.) Lisboa, Portugal: Instituto Piaget. Traduzido por M.J.Reis, Título Original Recherche Qualitative (1990).
44. Lewin, K. (1948). *Resolving social conflicts; selected papers on group dynamics*. Oxford, England: Harper.
45. Lofland, J. (2002). Analytic Ethnography. Features, Failings and Failures. (A.M. Huberman & M.G. Miles, Trans.). In A. Huberman & M. Miles (Eds.), *The Qualitative Researcher's Companion* (pp.65-81). London, UK: Sage Publications. (Reprinted from *Journal of Contemporary Ethnography*, 24(1), 30-67).
46. Lorimer, R., & Jowett, S. (2009). Empathic accuracy, metaperspective, and satisfaction in the coach-athlete relationship. *Journal of Applied Sport Psychology*, 21, 204-212.
47. Lutzhoft, M., Nyce, J.M., & Petersen, E.S. (2010). Epistemology in ethnography: assessing the quality of knowledge in human factors research. *Theoretical Issues in Ergonomics Science*, 11(6), 532-545.

48. MacPhail, A., Kirk, D., & Eley, D. (2003). Listening to young people's voices: Youth Sport Leaders Advice on Facilitating Participation in Sport, *European Physical Education Review*, 9(1): 57-73.
49. Matos, F.L.(1994). Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956. *Análise Social*, xxix (127), 677-695.
50. Maxwell, J.A. (2002). Understanding and Validity in Qualitative Research (A.M. Huberman & M.G. Miles, Trans.). In A. Huberman & M. Miles (Eds.), *The Qualitative Researcher's Companion* (pp.65-81). London, UK: Sage Publications. (Reprinted from 'Understanding and Validity in Qualitative Research', *Harvard Educational Review*, 62(3),279-300).
51. Miles, M.B. & Huberman, A.M. (1994). *An expanded Sourcebook. Qualitative data analysis*. (2<sup>nd</sup> Ed.). London, UK: Sage Publications.
52. National Council of Youth Sports (2008). *Report on Trends and Participation in Organized Youth Sports*. Stuart, F.L.: National Council of Youth Sports. Retirado de [www.ncys.org](http://www.ncys.org) em 15-11-2011.
53. Mueller, M.K., Lewin-Bizan, S., Urban J.B. (2011). Youth activity involvement and positive youth development. *Advances in Child Development and Behavior*, 41, 231-249.
54. Neuman, W. L. (2003). *Social research methods* (5<sup>a</sup> Ed.). Upper Saddle River: Prentice Hall.
55. Paskevich, D. M., Estabrooks, P. A., Brawley, L. R.,& Carron, A.V. (2001). Group cohesion in sport and exercise. In R. N. Singer, H. A. Hausenblas, & C. M. Janelle (Eds.), *Handbook of sport psychology* (2nd ed., pp. 472-494). New York: John Wiley.
56. Pordata (2011). Cultura e Desporto. Retirado de [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt) em 5 de Dezembro de 2011.
57. Pereira, J. - *As motivações e a prática desportiva: Motivos para a prática e não prática desportiva*. Porto: FCDEF, 1997 (documento não publicado).
58. Perkins, D.F., Jacobs, J.E., Barber, B.L., & Eccles, J.S. (2004). Childhood and adolescent sports participation as predictors of participation in sports and physical fitness activities during young adulthood. *Youth Society*, 35, 495.
59. Podilchak, W. (1983). Organizational Analysis of Youth Sport. *International Review for the Sociology of Sport*, 18(3),15-30.
60. Polkinghorne, D., (2003). Generalization and qualitative research: issues of external validity. In: J. Linde'n and P. Szybek (Eds.) *Validation of knowledge claims in human science*. Lyon: l'Interdisciplinaire.
61. Power, T.G., & Woogler, C. (1994). Parenting Practices and age-group swimming: A correlational study. *Research Quaterly for Exercise and Sport*, 65, 59-66.
62. Quane, J.M., & Ranklin, B.H. (2006). Does it pay to participate? Neighborhood-based organizations and the social development of urban adolescents. *Children and Youth Services Review*, 28(10), 1229-1250.
63. Riley, A., & Butcher D.A. (2012). Participation in a summer sport-based youth development program for disadvantaged youth: Getting the parent perspective. *Children and Youth Services Review*, *In Press, Corrected Proof*.
64. Roberts, G. - "Motivación en el deporte y el ejercicio". In G. Roberts (Ed) *Motivación en el deporte y el ejercicio*, 1995.
65. Rogoff, B. (2003). *The Cultural nature of Human Development*. New York, NY: Oxford University Press.

66. Rubio, K. *Psicologia do Esporte (org). Estrutura e Dinamica dos Grupos Esportivos*. IN: Psicologia do Esporte: teoria e prática. São Paulo: casa do Psicólogo, 2003.
67. Sadler, D.R. (2002). Intuitive Data Processing as a Potential Source of Bias in Naturalistic Evaluation. In A.M. Huberman & M.B. Miles (Eds), *The Qualitative Researcher's Companion* (pp.123-137). London, UK: Sage.
68. Sands, R. (2002). *Ethnography in Sports*. Illinois: Human Kinetics.
69. Scheerder, J., Thomis, M., Vanreusel, B., Lefevre, J., Renson, R., Vanden Eynde, B., and Beunen, G.P. (2006). Sports Participation Among Females From Adolescence To Adulthood. A Longitudinal Study. *International Review for the Sociology of Sport December 2006*, 41(3-4) 413-430.
70. Senécal, J.; Loughhead, T. M.; Bloom, G. A. A Season-long team-building intervention: examining the effect of team goal setting on cohesion. *Journal Sport & Exercise Psychology*, v.30, p.186-199, 2008.
71. Serpa, S. - "Motivação para a prática desportiva: Validação preliminar do questionário de motivação para as actividades desportivas (QMAD)". In F. Sobral, A. Marques (Coordenadores) *FACDEX: Desenvolvimento somato-motor e factores de excelência desportiva na população escolar portuguesa*, Vol. 2, pp. 89-97, 1992.
72. Shields, D., & Bredemeier, B. (2005). Can sports build character? In D. Lapsley & F.C. Power (Eds.), *Character psychology and education* (pp.121-139). Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press.
73. Silverman, D. (2010). *Interpreting Qualitative Data* (3<sup>rd</sup> ed). London, UK: Sage.
74. Shields. D.L., & Bredemeier, B.J. (1995). *Character Development and Physical Activity*. Champaign, IL: Human Kinetics.
75. Shields, D.L., Bredemeier, D.L., LaVoi, N.M., & Power, F.C. (2005). The Sport Behavior of Youth, Parents, and Coaches. The Good, the Bad, and the Ugly, *Journal of Research in Character Education*, 3(1), 43-59.
76. Skille, E.A., & Waddington, I (2006). Alternative sport programmes and social inclusion in Norway. *European Physical Education Review*, 12(3), 251-271.
77. Smith, R.E., Smoll, F. L., & Christensen, D.S. (1996). Behavioral Assessment and Interventions in Youth Sports. *Behav Modif*, 20, 3.
78. Smith, R.E., Smoll, F.L., & Cumming, S. (2007). Effects of a Motivational Climate Intervention for Coaches on Young Athletes' Sport Performance Anxiety, *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 29, 39-59.
79. Sparkes, A.C. (2009). Ethnography and the senses: challenges and possibilities. *Qualitative Research in Sport and Exercise*, 1(1), 21-35.
80. Sport Canada, *Reconnecting Government with Youth Survey* (2003) [online]. (Ottawa: Sport Canada, 2003).
81. The Sport for Social Change Network. Visited online in <http://sscn-sa.ning.com>, 27<sup>th</sup> April, 2012.
82. Tucker, P., Irwin, J.D., Gilliland, J., He, M., Larsen, K., & Hess, P. (2009). Environmental influences on physical activity levels in youth, *Health & Place*, 15(1), 357-363.

83. Ullrich-French, S., & Smith, A. (2009). Social and motivational predictors of continued youthsport participation, *Psychology of Sport and Exercise*, 10(1), 87–95.
84. Vanreusel, B., Renson, R., Beunen, G., Claessens, A.L., Lefevre, J., Lysens, R., & Vanden Eynde, B. (1997). A longitudinal study of youth sport participation and adherence to sport in adulthood, *International Review for the Sociology of Sport*, 32,(4), 373-387.
85. Van Yperen, N.W. (1995). Interpersonal stress, performance level, and parental support: a longitudinal study among highly skilled young soccer players, *The Sport Psychologist*, 9, 225-241.
86. Vazou, S., Ntoumanis, N., & Duda, J.L. (2005). Peer motivational climate in youth sport: a qualitative inquiry. *Psychology of Sport and Exercise*, 6(5), 497-516.
87. Vazou, S., Ntoumanis, N., & Duda, J.L. (2006). Predicting young athletes' motivational indices as a function of their perceptions of the coach- and peer-created climate. *Psychology of Sport and Exercise*, Volume 7(2), 215-233.
88. Visscher, C., Elferink-Gemser, M.T., & Lemmink, K.A. (2009). Role of parental support in sports success of talented young dutch players, In M.J. Coelho e Silva, A.J. Figueiredo, M.T. Elferink-Gemser & R.M. Malina (Eds.), *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness* (pp. 103-116). Coimbra, PT: University of Coimbra Press.
89. Walters, S., Barr-Anderson, D.J., Wall, M., Neumark-Sztainer, D. (2009). Does Participation in Organized Sports Predict Future Physical Activity for Adolescents from Diverse Economic Backgrounds? *Journal of Adolescent Health*, 44 (3), 268-274.
90. Weinberg R.S., Gould D. *Fundamentos da Psicologia do Esporte e do exercício físico*. São Paulo: Manole, 2001.
91. Welk, G.J., Babkes, M.L., & Schaben, J.A. (2009). Parental Influence on Youth Sport Participation. In M.J. Coelho e Silva, A.J. Figueiredo, M.T. Elferink-Gemser & R.M. Malina (Eds.), *Youth Sports. Participation, Trainability and Readiness* (pp. 75-102). Coimbra, PT: University of Coimbra Press.
92. Wuerth, S., Lee, M.J., & Alfermann, D. (2004). Parental involvement and athletes' career in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 5(1), 21-33.
93. Wilson, D.K., Griffin, S., Saunders, R.P., Evans, A., Mixon, G., Wright, M., Beasley, A., Umstattd, M.R., Lattimore, D., Watts, A., & Freelove, J. (2006). Formative evaluation of a motivational intervention for increasing physical activity in underserved youth. *Evaluation and Program Planning*, (29)3, 260-268.
94. Wilson, D.K., Lawman, H.G., Segal, M., & Chappell, S. (2011). Neighborhood and Parental Supports for Physical Activity in Minority Adolescents, *American Journal of Preventive Medicine*, 41(4), 399-406.
95. Yancey, A.K., Ory, M.G., & Davis, S.M. (2006). Dissemination of Physical Activity Promotion Interventions in Underserved Populations. *American Journal of Preventive Medicine*, 31(4),82-91.
96. Yang, X.L., Telama, R., & Laakso, L. (1996). Parents' Physical Activity, Socioeconomic Status and Education as Predictors of Physical Activity and Sport among Children and Youths - A 12-Year Follow-Up Study, *International Review for the Sociology of Sport*, 31(3), 273-291.

## **Capítulo 3**

### **Perspectivas Ecológicas na Determinação de Percursos Desportivos Contrastantes em Jovens Futebolistas em Contexto Profissional**

#### **Resumo**

Pretendeu-se examinar as influências contextuais e sócio-ambientais nas atitudes e comportamentos dos jovens na sua participação desportiva. Os participantes foram 24 jovens jogadores de futebol de um Clube de Orientação Profissional (COP), sub-14 a sub-17. Participaram em entrevistas de grupo sobre a sua participação desportiva, caracterização do contexto de prática e relações interpessoais. O clima de grupo entre os pares foi positivamente referido pelos jovens como importante, a procura de estatuto e reconhecimento a par da aspiração ao profissionalismo foi referida. Os pais são importantes agentes na participação desportiva. A relação do jovem com o treinador mostrou-se influente no clima motivacional percebido pelos jovens. Os resultados determinam importantes activos a ter em consideração na construção da estrutura de treino em jovens inseridos em clubes profissionais. A participação desportiva dos jovens atletas precisa de ter em consideração o contexto de prática de forma a promover desenvolvimento positivo.

## Introdução

O desporto jovem tem um grande impacto no desenvolvimento pessoal e social (Smith & Smoll, 2002; Tofler & Butterbaugh, 2005; Lau, Fox & Cheung, 2006; Spaaij, 2010; Checkoway, 2011), este envolvimento e participação desportiva produz comportamentos positivos como percepção de habilidade física, desenvolvimento do carácter, desenvolvimento de skills, auto-estima, sentido de autonomia (Weiss & Chaumeton, 1992; Coelho e Silva, Figueiredo & Gonçalves, 2005; Gillet, Vallerand, Amoura & Valdes, 2010; Joessar, Hein & Hagger, 2011).

O contexto social é saliente para a motivação dos jovens e contribuem para a qualidade das experiências desportivas (Smith, 2003) e começa agora a ser estudada a orientação dos jovens para objectivos sociais, ou seja, a conceptualização da competência em termos das relações sociais com os outros (Hodge, Allen & Smellie, 2008; Stuntz & Weiss, 2009). Os estudos têm referido que as principais razões para participação desportiva são a afiliação, fazer parte de uma equipa, melhoria das relações interpessoais entre pares e estatuto social (Allen, 2003; Bengoechea & Strean, 2007; Jõesaar, Hein & Hagger, 2012)

Tendo como pano de fundo a ideia substantiva de que poderá existir uma ligação causal entre o desporto de elite e o desporto de massa o campo da pesquisa no desenvolvimento de desporto de elite tem focado na significância de factores culturais e económicos (estudos macro) e no papel da ciência do desporto e do ambiente próximo dos atletas (estudos micro) na procura do sucesso (Sotiriadou & Shilbury, 2009). O desporto de elite tem sido enquadrado na perspectiva da formação especializada e desenvolvimento do talento desportivo (Emrich, Fröhlich, Klein & Pitsch, 2009) ou na perspectiva da construção e importância dos outros significativos como o treinador e o pai (Stornes, 2001; Oliver, Hardy & Markland, 2010; Adie, Duda & Ntoumanis, 2012).

Não existem muitos estudos comparativos entre o desporto de elite jovem e o caminho para a profissionalização (Ford & Williams, 2012), apesar de se começar a ter em consideração a importância sócio-ambiental nessa construção (Stornes, 2001; Taylor & Bruner, 2012), numa perspectiva desenvolvimentista, ecológica e holística (Henriksen, Stambulova & Roessler, 2010).

A ideia do desenvolvimento ocorrer tendo em consideração os formatos históricos e culturais onde o indivíduo se adapta (Hundeide, 2005) encontra semelhanças com a ideia genuína de desenvolvimento humano que Bronfenbrenner profetizou ao longo da sua vida, uma das teorias de desenvolvimento que melhor retrata a equação social no contexto (Bronfenbrenner, 1979; Bronfenbrenner, 1992; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner, 2000). O desenvolvimento humano

deve ser entendido como um processo cultural e este entendimento requer uma perspectiva histórica das contribuições dos indivíduos na dinâmica das comunidades (Rogoff, 2003; Zastrow & Kurst-Ashman, 2010).

Com efeito, nos anos 90 a teoria incluiu os processos proximais como o aspeto principal de desenvolvimento (Krebs 2009b). O modelo pessoa-processo proximal-contexto-tempo (modelo PPCT) tenta explicar a natureza, poder, conteúdo e dos processos proximais. Estes variam em função das características pessoais em desenvolvimento, contexto onde os processos ocorrem e mudanças que ocorrem durante um período de tempo onde esses processos têm lugar (Krebs, 2009a; Krebs, 2009b). O modelo PPCT tem sido pouco utilizado no estudo do contexto e relações pessoais em ciências do desporto em todo o mundo com destaque para os estudos inovadores de Krebs no Brasil, na área do talento desportivo.

O propósito do estudo é inovador na medida em que explora as condicionantes sócio-ambientais e as definições contextuais que determinam as diferentes trajetórias desportivas, na perspectiva dos jovens em fase de afirmação desportiva e na expectativa de carreira profissional. O estudo explora ainda o peso relativo dos fatores contextuais na moldura comportamental e atitudes na criação do clima motivacional no grupo.

## Métodos

### *Participantes*

O presente estudo foi conduzido num clube de futebol de orientação profissional (COP) com níveis competitivos contrastantes em jovens jogadores dos 13 aos 17 anos de idade, durante uma época desportiva. Foram realizadas 4 entrevistas de grupo, uma por cada escalão (considerando os escalões sub-17, sub-16, sub-15 e sub-14) com 6 elementos em cada sessão (n= 24). Os grupos desportivos do COP foram divididos por ano e segundo o nível competitivo.

### *Recolha de Dados*

O estudo foi apresentado previamente e aprovado pelo comitê de ética da Faculdade de Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. O anonimato e confidencialidade forma assegurados pelos investigadores bem como o consentimento informado dos pais e dos jovens. Para aumentar a credibilidade do estudo utilizou-se a triangulação (Denzin, 1989; Banister, Burman, Parker, Taylor & Tindall, 1994; Greene, 2006) como a observação participante, entrevistas de grupo e recolha documental. De igual forma os atletas do clube preencherem uma ficha de

caracterização demográfica e desportiva. Cada grupo de participantes (6 por grupo) participou numa sessão de entrevistas de grupo, conduzidas pelo primeiro autor. As entrevistas duraram entre 30 a 70 minutos. Todas as entrevistas foram gravadas com equipamento especializado e transcritas textualmente. As entrevistas começaram com 2 a 3 perguntas que providenciaram um contexto, facilitaram a comunicabilidade com os participantes e permitiu conhecê-los melhor de um ponto de vista da sua prática desportiva em contexto (p.e. “O que acham da modalidade que praticam?” e “Qual a vossa opinião sobre o clube?”).

Depois das questões iniciais a entrevista começou com a pergunta: “Quais as razões para te envolveres no desporto? Ele melhorou quem tu és?” As questões seguintes e a ordem pelo qual eram feitas variaram entre cada grupo pois dependia da dinâmica específica criada entre o pesquisador e o grupo de jovens. Procedeu-se desta forma para possibilitar o menor constrangimento possível aos entrevistados e fazer emergir a percepção da importância do contexto e relações nele criadas. De igual forma, este procedimento permitiu explorar e manter o foco em alguns temas e questões de interesse que surgiram de entrevistas anteriores (Ver secção de análise de dados). No final da entrevista de grupo era feita uma pergunta geral de reflexão sobre os aspectos positivos e negativos do clube e das suas participações desportivas.

### *Análise de Dados*

O processo de análise de dados iniciou-se logo após a primeira entrevista de grupo. Como resultado deste processo, a informação recolhida, enquanto ainda reflexo do sentido evocativo das relações interpessoais em contexto de prática desportiva, focaram-se à volta dos temas e questões emergentes. Um exemplo foi a questão sobre o papel específico do capitão de equipa na construção da coesão grupal.

As categorias foram desenvolvidas a partir de segmentos de informação ou unidades potencialmente importantes identificadas nas grelhas de análise criadas (Miles & Huberman, 1984; Marvasti, 2004; Silverman, 2010). O primeiro grande passo consistiu em codificar a informação (Weber, 1990; Patton, 2002). Os códigos iniciais foram usados como primeira forma de quebrar a informação em unidades significantes, os códigos com maior sentido analítico e que capturavam com maior precisão e mais abrangente foram usados para percorrer maiores quantidade de informação (Creswell, 2009). Um exemplo foi o código inicial “Papel adultos”, aplicado a fragmentos de informação que indicava as relações que os outros significantes têm na prática desportiva dos jovens. Este código inicial foi englobado num código mais

focado e abrangente “ Outros significativos e experiências”, que se tornou, por seu turno, na dimensão crítica “Ambiente desportivo e realização”

Em alguns casos, os códigos foram elaborados a partir de palavras dos próprios entrevistados; noutros casos os códigos emergiram de conceitos já existentes na literatura. Tanto os primeiros como os segundos ajudaram na organização da informação sendo que os códigos emergentes e categorias principais estavam imbutidas nas entrevistas e não foram forçadas de uma forma convencional mas também direccionada de uma teoria de base inicial (Hsieh & Shannon, 2005). Uma revisão extensa permitiu reduzir o viés nas interpretações e, por conseguinte, evitar o perigo de forçar códigos pré-existentes na informação recolhida. O resultado final do processo de codificação foi um sistema coerente de categorias e dimensões críticas. (Tabela 4)

Tabela 4 - Categorias Principais e grupos de respostas COP

Dimensões Críticas	Categorias Principais	Grupo de Respostas
Desenvolvimento Pessoal e Auto Melhoramento	Identidade e Experiências	Envolvimento Desportivo
		Adesão Desporto
	Iniciativa e Experiências	Benefícios Físicos
		Benefícios Pessoais
Processos Proximais e Interações Sociais	Relações Sociais	Relações Interpessoais
		Papel Intra-Equipa
	Aptidões Sociais e Comportamento	Clima de Grupo
		Benefícios Sociais
Ambiente Desportivo e Realização	Integração Social e Network Adultos	Eficácia Treinador
		Integração Comunidade
		Profissionalismo
		Estatuto e reconhecimento
	Outros Significantes e Experiências	Suporte Outros significantes
		Relações Escola
		Suporte e Logística
		Estrutura CLube
		Papel Adultos

O processo de preenchimento de categorias emergentes foi assistido através de constantes processos de comparação, onde a experiência e percepções de um entrevistado foram comparadas com outro jovem entrevistado num processo iterativo usando o critério de semelhança e proximidade visual de Lincoln e Guba (1985) e Shenton (2004). Esta uniformidade não implica que mesmas unidades de texto entrem em mais do que uma categoria simultaneamente (Tesch, 1990; Creswell, 2009).

No decorrer do processo unidades subsequentes foram comparadas com unidades já codificadas e integradas em categorias emergentes ou eventualmente desenvolvidas em novas categorias até se atingir a saturação, isto é, até mais nenhuma informação relativamente a essa categoria (propriedades, processos, emergisse durante o processo de codificação (Weber, 1990; Schilling, 2006).

#### Fiabilidade

Vários passos foram seguidos para assegurar que a análise era rigorosa e credível (Shenton, 2004; Denzin & Lincoln, 2011). Primeiro, a estratégia de cruzamento de opiniões e verificação entre os pares (Lincoln & Guba, 1985; Shenton, 2004) foi utilizada durante o processo. Por outras palavras, ao colocar questões críticas e encorajando o primeiro autor a reflectir durante diversas etapas da entrevista, o segundo autor (pesquisador sénior) tornou-se instrumental no sucesso desta estratégia. Segundo, o procedimento de utilização de constantes comparações assegurou que as diferentes partes de informação que se revelavam tinham sido verificadas (Patton, 1990). Terceiro, os participantes no estudo tinham oportunidade de interagir às interpretações do pesquisador à medida que os jovens do grupo iam respondendo. Quarto, depois de completa a análise, o grupo de pesquisadores assegurou que a integração de segmentos de informação significativos em categorias particulares fazia sentido analítico. Quinto, ao leitor é fornecido uma completa descrição dos diferentes passos de forma aos resultados poderem ser aplicáveis e transferidos para outros contextos (Lincoln & Guba, 1985). Finalmente, a credibilidade e coerência dos resultados foi assegurada através da imersão do primeiro autor no contexto específico durante um ano desportivo com especial incidência no início e no fim da época desportiva.

#### Apresentação de Resultados

A partir da análise de conteúdo emergiram indutivamente 17 grupos de respostas, posteriormente e através de um procedimento indutivo emergiram 6

categorias de análise e após leitura e re-leitura dos códigos de análise, 3 dimensões foram criadas.

#### Dados sócio-desportivos do Futebol Federado em Portugal e Ligas Profissionais

Em 2007 em Portugal, existiam 100.533 praticantes de futebol federado em todos os escalões, dos quais 60.509 praticantes eram de futebol de 11 sub 14 a sub19. Partindo do pressuposto que o desporto profissional de elite é cada vez mais visto como um ramo independente de negócio (Renson, 2001), a quantidade de jogadores de formação que jogam em clubes com séniores profissionais são 4094 jovens, onde os portugueses representam 95,85%, ou seja, 3922. Relativamente aos jovens estrangeiros a percentagem ronda os 4,20% ou seja, 172 jogadores jovens. Os três maiores clubes de futebol de Portugal contabilizam 43,8% dos jovens estrangeiros dos 5,59% (n=121) a jogar na formação dos clubes das 1ª Liga Profissional. (Ver Tabela 5).

Tabela 5 - Atletas Formação em Clubes com Equipas Séniores Profissionais

	FED	PFED	EFED	EFED
Liga I	2165	2044	121	5,59
Liga II	1929	1878	51	2,64
TOTAL	4094	3922	172	4,2

**Fonte: Pordata e INE 2012**

FED - Federados

PFED- Portugueses Federados

EFED - Estrangeiros Federados

%EFEDESP - % Estrangeiros Federados

Os jovens do COP iniciaram a sua prática desportiva relativamente cedo. Quando analisada a mobilidade desportiva percebe-se que o clube movimenta jogadores na região com percentagens elevadas de mudanças internas dentro de cada grupo desportivo. Relativamente à estrutura familiar esta apresenta-se com traços de estabilidade apesar de se verificar maior percentagem de pais divorciados no escalão de Juvenis B. Apresentam ainda comportamento disciplinar desviante que

tende a acentuar-se nos escalões mais velhos e nos campeonatos mais competitivos (Tabela 6).

Os escalões foram diferenciados por idade com a atribuição de letras para cada escalão que correspondem à categorização oficial dos campeonatos jovens regulamentados pela Federação Portuguesa de Futebol. Assim sendo, o escalão Juvenis C1 corresponde aos sub15, Juvenis C2 (sub14), Juvenis B1 (sub 17) e Juvenis B2 (sub16). As entrevistas de grupo seguiram este esquema de raciocínio e foram divididos e numerados por letras dos grupos dos escalões alvos do estudo (B ou C). O número (1 ou 2) identifica se o atleta é do segundo ou do primeiro ano (mais novo), respectivamente.

Tabela 6 - Dados Sócio-Desportivos dos Jovens do COP

<b>Dados Desportivos</b>	<b>Clube Orientação Profissional</b>				
	JunC Nacional (C1) (n=21)	JunC Distrital (C2) (n=22)	JunBNacional (B1) (n=18)	JunBDistrital (B2)(n=15)	
Anos de Prática Desportiva	6,71	6,68	7,78	7,73	
Início de Prática Desportiva (Anos)	7,29	6,32	8,11	7,27	
Mobilidade Clube (%)	47,62	68,19	55,56	80	
Nº Atletas Mobilidade	10	15	10	12	
<b>Comportamento Disciplinar</b>					
Expulsão Directa	<b>1ª FASE</b>	2	0	1(T)	1
Expulsão Acumulação		2	1	2	3
Amarelos		36	8	36	25
Expulsão Directa	<b>2ª FASE</b>		1 (T)	0	1
Expulsão Acumulação		–	2	0	0
Amarelos			20	18	8
<b>Estrutura Familiar (%)</b>					
Pais Juntos	93,02		81,82		
Pais Separados	4,65		12,12		

#### Identidade, Iniciativa e Experiências

Os jovens referem que o envolvimento e participação no desporto e mais concretamente no futebol deriva de duas perspectivas bem salientes: o prazer e divertimento na prática do futebol e os benefícios físicos, uma perspectiva de corpo

saudável, *“Eu pelo menos desde sempre que gosto do desporto e principalmente do futebol, e isso é uma coisas que nasceu comigo.”* B1. O início da prática desportiva é feito em idades precoces entre os 5 e os 7 anos e a participação no desporto e principais influências na adesão ao futebol deve-se sobretudo à estrutura familiar do jovem atleta, especialmente pais. Os benefícios físicos apontados na perspectiva de auto-aperfeiçoamento dos jovens atletas do COP consubstancia-se no aumento da capacidade muscular e resistência.

### Relações Sociais

O papel que os outros jovens dentro da equipa atribuem ao capitão é unânime entre os jovens entrevistados e este papel representa um conjunto de características consistente: responsabilidade, prontidão para ajudar, capacidade de comunicação, capacidade de liderança e maturidade, *“...um capitão deve ter é, essencialmente, ser um bom líder de grupo”* (C1); respeito: *“Mete respeito, não é respeito, é respeitar os outros e nós respeitamo-lo.”* (B2), coesão de grupo e capacidade de trabalho.

“...os capitães têm essa função de organizar a equipa, de comandar a equipa, de lutar sempre pela equipa. Eu acho que pronto é essa a minha função adicional de jogador, pronto está no campo a divertir-se e a dar o máximo.” (B1)

Os capitães de equipa referem a responsabilidade, *“Eu sou o capitão, tento sempre...tenho mais responsabilidade, tento sempre pôr mais ordem quando as coisas...”* (B2), prontidão para ajudar, capacidade de liderança, maturidade e capacidade de trabalho como características que os distingue no papel específico que desempenham.

“...Eu acho que sou humilde mas tenho que admitir que realmente dou tudo nos treinos e sou uma voz de comando dentro da equipa e por isso acho que me atribuíram este papel dentro da equipa...” (B1)

A relação intragrupo é encarada pelos jovens como muito boa, especialmente na capacidade em criar e fortalecer amizades. Em termos de relação inter-grupal existe boa comunicação entre eles.

“Às vezes levamos a brincadeira do balneário para o treino mas a meio do treino nota-se completamente a diferença, mete-se tudo a trabalhar, mais sério a trabalhar”(C2)

Os jovens descrevem um relacionamento positivo apoiado na união de grupo e apoio mútuo onde destacam a capacidade de sociabilização *“...nós criamos laços aqui neste balneário, nesta equipa, neste campo.”* (B1). Existe uma capacidade demarcada em todos os escalões de distinguir divertimento e trabalho, com enfoque na capacidade de produção e concentração como qualidades fundamentais *“...Claro que temos os nossos objectivos e temos sempre objectivo de ganhar e ou de lutar, jogar*

*melhor e sempre evoluir.” (C1), apesar dos jovens dos escalões Junior B referirem de forma mais clara a presença desta qualidades.*

“É brincalhão, nós temos momentos de lazer mas ao mesmo tempo somos um grupo trabalhador e quando é para trabalhar costumamos estar assim todos bem assentes....”(B2)

O papel dos adultos na óptica dos jovens é fundamental e principalmente realizado através dos pais sob a forma de suporte e apoio, além disso o suporte dos vários dirigentes relacionados com os grupos desportivos, *“São pessoas que têm muita competência e que nos transmitem todos esses valores que são essenciais para formar uma boa equipa” (C1).* Os jovens sentem proximidade destas diferentes relações que se interiorizam no clube a relação de união com os elementos da academia comporta estabilidade que os jovens referem.

“Acho que também o grupo, pronto, o clube fazer aqui uma certa família, não ser cada um por si, acho que sinto isso e isso nos ajuda a evoluir é só isso.” (B2)

#### Aptidões Sociais e Comportamento

Os jovens apontam vários benefícios sociais como gestão do tempo, resiliência, sentido de autonomia, cumprimento de regras e disciplina, responsabilidade e maturidade: *“...estando no futebol, amadurecemos de tal maneira que saímos da adolescência mais cedo para a fase adulta.”(C2).* Esta sensação de maturidade advém também da decorrência desportiva que o clube em si encerra, o reconhecimento da sua importância feito pelos jovens: *“...tento mostrar uma maior maturidade perante os outros porque tento diferenciar-me dos outros. É orgulho de jogar no clube X, tentamos mostrar maturidade.”(C2).* Os jovens fazem uma ligação com a vida deles na comunidade, na avaliação do impacto positivo que o desporto lhes pode proporcionar.

“Na escola também temos de estar concentrados para os testes, para os trabalhos que temos que realizar, acho que a concentração deve-se a um pouco de tudo na vida” (C1)

Os jovens atletas na caracterização da relação treinador-atleta reconhecem a sua importância na capacidade em moldar comportamentos, a liderança e gestão dos recursos humanos do grupo, neste âmbito reforçam a importância da igualdade de tratamentos por ele veiculada.

“...sabíamos que tinham valor mas não mostravam qualidade e este ano estão a jogar muito melhor. Com a motivação do treinador este ano estão a jogar muito melhor.” (C2)

## Integração Social e Network Adultos

Os jovens têm a percepção que estão num clube que apresenta superioridade no plano desportivo na região, clube que aposta na selecção desportiva e captação dos jovens mais aptos com distinta qualidade, *“nós estamos aqui porque os treinadores e as pessoas aqui que mandam no clube X acham que nós temos qualidade suficiente para estar aqui”*(C2).

Reconhecem igualmente o estatuto e projecção do clube pela sua imagem no panorama do futebol especialmente a nível distrital, *“Nós gostávamos de estar sempre mais no clube X. A camisola pesa mais que as outras.”*(C2) e manifestam orgulho no clube que representam assim como a responsabilidade perante os outros em ser os melhores;

“se posso estar a jogar num grande clube não vou estar a jogar se calhar num clube de uma terriola(...)nós temos objectivos e queremos estar sempre melhor, e pronto sinto-me melhor em estar em clubes cada vez melhores.” (B2)

Os jovens reconhecem maior qualidade, nomeadamente superior habilidade técnica dos jovens no clube e têm percepção da importância que o clube tem quando jogam com os adversários,

“...tinhamos objectivos e tinhamos essas responsabilidade de ser melhor do que os adversários que ao princípio são inferiores e mesmo quando são superiores temos que, olha, somos do clube X, temos que dar mais, temos que ser responsáveis e ganhar.”(B2)

Segundo os jovens, a aspiração ao profissionalismo está bem presente nas suas consciências. *“Acho que toda a gente tem no fundo esse sonho de poder tornar-se profissional.”* (C1). Percebem esta ligação como fruto do trabalho e rigor, ou seja, intensa ligação à tarefa.

“...uma grande parte é porque tenho o sonho de ser profissional e acho que tenho aquela vontade de trabalhar sempre mais e acho que se continuar assim posso um dia chegar à primeira liga.” (B1)

## Outros Significativos e Experiências

Referem igualmente a importância das relações veiculadas no seio dos grupos desportivos e entre os pares com ligações e benefícios à vida deles na comunidade. Os jovens atletas consideram a estrutura formativa do clube onde reconhecem a presença dos outros significativos (dirigentes, directores, coordenador) como positiva e estável, assumindo a proximidade e convivência como principais características desta relação.

“...esta família é uma maneira de nos divertirmos, de escaparmos aos problemas que nós temos sem ser no futebol e é muito importante esta relação que nós temos com os nossos companheiros” (B1)

Dentro daquilo que é o suporte dos outros significativos, os jovens demonstram satisfação na percepção que têm do suporte dos pais. Os pais proporcionam apoio logístico, mais nos grupos a partir dos 14 anos e principalmente nas equipas que jogam nos campeonatos distritais, são o principal apoio no acompanhamento que fazem à competição dos filhos.

Os jovens, por sua vez, atletas partilham e têm percepção da importância que os outros significativos principalmente os pais mas também treinadores atribuem à escola. Revelam a necessidade e importância em conciliar os dois sistemas, “*Os meus treinadores todos sempre disseram que a escola estava sempre em 1º lugar, porque mais cedo ou mais tarde o futebol teria de acabar.*”(C2). O sistema escolar tem importância na percepção dos pais e é facilmente percebido pelos jovens.

“Quando levo recados e mostro a minha mãe ela deixa vir, chateia-se mas deixa. Fui honesto, fiquei mais uma semana de castigo” (C2)

O clube apresenta pouca remodelação infra-estrutural e condições insuficientes de prática desportiva, “*Neste clube ainda não há assim grandes recursos.*” (B1). Recursos deficitários para a estrutura formativa com impacto na preparação desportiva dos jovens atletas do clube, sendo um dos pontos mais negativos apontado pelos jovens com repercussões na captação e desportiva de jovens para o clube.

“... faltar jogadores, acho que podíamos investir um bocado mais mas também se calhar não existe assim tantos recursos para conseguir jogadores.” (B1)

As relações positivas desenvolvidas no clube têm continuidade fora do futebol, “*...cria a amizades...sentimentos para além de jogar à bola*” (B1), na comunidade não só na relação entre atletas como na relação com os adultos, treinadores e dirigentes, “*...com o futebol eu tive uma convivência muito alargada com várias pessoas, não só a nível desportivo mas a convivência fora do desporto*”(C1)

## Discussão

O estudo revela que, em consonância com os resultados apresentados, o factor contexto revela-se importante na determinação dos percursos desportivos dos jovens inseridos em contexto profissionalizante. Os jovens percebem as interações entre os diversos actores e o clima competitivo presente no clube como importantes na aceitação e afirmação do seu espaço dentro do desporto.

Estudos orientados para perceber os objectivos sociais não têm sido tão estudados como as motivações psico-sociais da competência na relação com os outros (Stuntz & Weiss, 2009). Este entendimento do padrão de participação desportiva invariavelmente aponta para a estruturação de programas desportivos também na especificidade das relações que os jovens têm com os outros significativos (Fraser-Thomas, Côté & Deakin, 2008). Aliás, tem sido um tema central no modelo bioecológico de Bronfenbrenner desde 1979 e ao qual apelidou de processos proximais (Bronfenbrenner & Crouter, 1983; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

A este respeito a literatura refere que uma percepção positiva por parte dos jovens das relações sociais (pai, amigos e pares) está associado a melhores comportamentos e clima motivacional, maior autonomia percebida e divertimento (Ullrich-French & Smith, 2006; Papaioannou et al. 2008). De facto, conceptualizando as díades preconizadas por Bronfenbrenner (1979) e posteriormente, num constructo mais elaborado de processos proximais (Bronfenbrenner & Ceci, 1993; Bronfenbrenner & Morris, 1998), ajudam a explicar a natureza destas interacções no contexto do clube e a presença da estrutura familiar como sistema exterior(mesosistema) com impacto na vida desportiva do jovem.

Carr (2009) a este respeito providencia evidência de que a relação pai-adolescente influencia a forma como o jovem constrói as suas amizades em contexto desportivo, partindo como pressuposto da importância da unidade familiar (Bronfenbrenner, 2005).

De igual forma, Wuerth, Lee & Alfermann (2004) perspectivam o padrão de envolvimento dos pais na perspectiva tanto dos pais como dos atletas sendo que estes percebem o envolvimento com baixo níveis de pressão e altos níveis de compreensão e louvor. Com efeito, o pai e treinador revelam-se como os agentes desportivos que mais influência têm no comportamento desportivo dos jovens e no clima motivacional criado no COP (Keegan, Harwood, Spray & Lavalley, 2009; Oliver, Hardy & Markland, 2010). O estudo de Taylor & Bruner (2012) revela a influência dos outros significativos, comportamentos relevantes em dimensões como o papel de instrução e controlo por parte do treinador e suporte e aprendizagem por parte dos pais.

Esta relação do clube com os jovens atletas revela mormente, a relação entre recursos ambientais promovidos pelo treinador (autonomia, feedback performance) e performance desportiva (Bakker, Oerlemans, Demerouti, Slot & Ali, 2001).

A literatura é abundante com relação à percepção da importância do treinador na satisfação, motivação intrínseca e persistência no desporto (Gillet, Vallerand, Amoura & Valdes, 2010; Joessar, Hein & Hagger, 2011). Os jovens atletas do COP reconhecem a presença dos outros significativos (dirigentes, directores, coordenador)

como ponto importante na definição e própria gestão das suas carreiras desportivas. Saliendam a interacção treinador-atleta com aspectos como a correcção técnica, reforço positivo e sequenciação de comportamentos (Eriksson, Côté, Hollenstein & Deakin, 2011).

A aspiração ao profissionalismo presente na grande maioria dos jovens, condiciona e promove comportamentos diferenciados e mais competitivos, maior capacidade de trabalho e um clima percebido com orientação para a tarefa. Também o papel dos pares revela-se importante na satisfação realizada, persistência no desporto e motivação criada (Ullrich-French & Smith, 2009; Jõesaar, Hein & Hagger, 2011).

Portanto, a percepção da importância de cada um, a posição de capitão, que resulta de expectativas do papel e mudanças de comportamento e desenvolvimento associados (Bronfenbrenner, 1999), a noção de grupo de trabalho contribui para a construção de uma consciência colectiva na relação entre os pares (Bosselut, McLaren, Eys, & Heuzé, 2012), que se estende para fora do futebol e é considerada um dos pontos mais positivos do clube. Os principais benefícios sociais apontados pelos jovens vão ao encontro de estudos existentes na literatura sobre a influência dos pares (Vazou, Ntoumanis & Duda, 2005; Joessar, Hein & Hagger, 2011), onde predominam a cooperação, sentido de autonomia, perseguição de objectivos e eficácia.

Apesar do facto reconhecem que um clima de treino orientado não só para a performance mas também para a mestria são um ponto importante no seu desenvolvimento como jogadores. Os jovens percebem que os factores contextuais (estrutura física do clube e estrutura da formação), a imprevisibilidade e instabilidade para as suas necessidades desportivas constituem um grande impedimento ao desenvolvimento dos processos proximais (Bronfenbrenner, 1999).

À maior visibilidade na procura de reconhecimento social e com diferenças demarcadas na escolha de um percurso desportivo (Ford & Williams, 2012), a projecção inerente do COP proporciona uma perspectiva diferente de percurso desportivo. A grande trajectória de mobilidade ascendente dos jovens com objectivo superior de carreira desportiva exponencia certos valores sociais, entre eles, uma percepção de habilidade maior, capacidade de esforço e maior sentido de autonomia. Este processo exclusivo e excludente é contrastante com e muitas vezes complementar com a mobilidade desportiva descendente que se verifica em clubes comunitários de bairro.

O futebol de rua é o principal espaço de iniciação ao futebol no Brasil, (Salmela, Marques & Machado, 2003) e contrasta claramente com a realidade portuguesa, onde há muito que se verificou uma transição em que o jogo deliberado

(Côté, 1999) e cedeu definitivamente espaço para a prática deliberada (Ericsson, Krampe & Tesche-Römer, 1993). Relativamente ao padrão de especialização, este varia bastante entre as modalidades desportivas (Leite, Sampaio & Baker, 2009), sendo que o contacto dos jovens com o treino específico no COP acontece antes da idade sugerida pela literatura, que é dos 13 aos 15 anos (Côté, Baker & Abernethy, 2003; Drubscky, 2003). De forma peremptória, a partir dos 13 anos acentuam-se os mecanismos de exclusão e seleção desportiva onde o mais apto continua o processo rumo ao profissionalismo.

A representatividade social do futebol a nível macrossistémico é de grande importância no funcionamento das sociedades uma vez que determina comportamentos em larga escala, nomeadamente, construção de comunidade, sensação de pertença e identificação identitária. Por exemplo, a afiliação clubística intensa transforma profundamente o indivíduo, adepto nos seus comportamentos e crenças em relação ao seu quotidiano (Gibson, Willming & Holdnak, 2002).

Os resultados relativos à presença do sistema escolar na vida desportiva dos jovens não apresentaram uma ligação negativa (Papioannou, 2008) e não corroboram as afirmações de Wyllemann, Alfermann e Lavallee (2004) e Wyllemann e Lavallee (2004) de que jovens atletas envolvidos no desporto de competição têm dificuldade de conciliar estudos e vida desportiva, também em contexto europeu (De Knop, Wyllemann, Van Houcke & Bollaert, 1999; Boiché & Sarrazin, 2007). Em contraste com estudos anteriores que associam os clubes sociais de bairro com pouco incentivo ao estudo, os jovens do COP percebem a importância que os outros (pais, directores, treinadores) atribuem à escola, verificando-se um maior comprometimento com a escola.

Não só o macrossistema como outros contextos onde o jovem não está presente (exossistema no modelo de Bronfenbrenner) podem determinar decisivamente esta aceitação desportiva. A percepção do futebol como um espaço de ascensão social e mercado pendente económico, algo bastante evidente em países de grande expressão futebolística tem revelado ser um mecanismo importante de engajamento dos jovens no desporto rumo a um pretensão profissionalismo.

Quando se analisa as aspirações sociais, o rendimento escolar e o estatuto social de determinados "ethos", nomeadamente culturas afro-americanas, verifica-se como o desporto pode, de facto servir de posicionamento social e perspectiva de uma carreira profissional no desporto. Os pais estão entre os agentes socializadores mais importantes na manutenção destas crenças na ênfase desportiva (Beamon & Bell, 2004; 2006). Esta importância dos pais para se chegar ao alto nível de desempenho desportivo identificou-se em estudos realizados em países desenvolvidos (Durand-Bush,

Salmela & Thompson, 2005; Wylleman, De Knop, Ewing & Cumming, 2000) é diferenciadora das duas ecologias de prática estudadas. Comparando os resultados com estudos anteriormente realizados em clubes sociais de bairro, a percepção da existência de uma carreira desportiva na óptica dos jovens no clube profissional é notória e relevante quando comparada com a percepção da prática desportiva condicionada sem perspectiva de carreira.

Aliás, a perspectiva do desenvolvimento pelo desporto onde surjem variáveis importantes como a estrutura do clube, organização na formação e estrutura familiar tem sido referenciado em estudo em comunidades desfavorecidas (Skinner, Zakus & Cowell, 2008), contrasta duramente com o grupo de interesses envolvidos na estimulação de atletas de elite através de programas e estratégias que cultivam o sucesso naquilo que pretendem que seja um perfil público do desporto (Sotiriadou & Shilbury, 2009).

### Conclusão

Da construção da carreira desportiva em jovens na rota do profissionalismo foram identificados três actores sociais importantes na percepção da participação desportiva dos jovens atletas com cargas de ponderação diferentes: pais, treinadores e pares.

A percepção dos jovens da sua participação desportiva revela a importância dos factores contextuais, nomeadamente, da capacidade de trabalho de quem dirige o formação e do nível de exigência e competitividade que o clube oferece. A nível interpessoal a percepção e construção do clima competitivo no COP depende de três conexões: Primeiro, do tipo de suporte parental praticado na sua relação de suporte; segundo, do desenvolvimento de um clima de mestria criado pelo treinador e, por fim, das relações de cooperação e suporte criado pelos pares.

Os resultados apontam ainda para benefícios intrapessoais que os jovens percebem do seu envolvimento desportivo, ou seja, a importância de relações sociais próximas positivas no comprometimento e participação desportiva e na construção de aptidões sociais como autonomia, disciplina e maturidade. A escolaridade, a formação desportiva inicial, o tipo de suporte familiar e social e os mecanismos de planeamento da carreira utilizados pelo atleta revelam-se importantes para que o jovem possa lidar com possibilidades negativas e/ou possibilidades positivas no seu percurso para o profissionalismo. Foram descritas aptidões sociais benéficas não só a nível desportivo como para a vida adulta em comunidade destes jovens. O estudo levanta importantes considerações relativamente aos benefícios da prática desportiva

em contextos de formação marcadamente competitivos bem como salienta características essenciais para o jovem no caminho do profissionalismo.

Uma das limitações do estudo a ser explorado em estudos posteriores prende-se com os mecanismos de desenvolvimento das aptidões sociais, ou seja, será pertinente perceber a estrutura familiar dos jovens que se destacam no desporto. De igual forma, será importante perceber a constância destes valores ligados ao desporto numa diferente fase de formação desportiva, ou seja, conferir ao estudo um carácter longitudinal e em diferentes contextos de performance (situação de bairro).

### Referências Bibliográficas

1. Adie, J.W., Duda, J.L., & Ntoumanis, N. (2012). Perceived coach-autonomy support, basic need satisfaction and the well- and ill-being of elite youth soccer players: A longitudinal investigation. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(1), 51-9.
2. Allen, J. (2003). Social Motivation in Youth Sport. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 25, 551 -567.
3. Bakker, A.B., Oerlemans, W., Demerouti, E., Slot, B.B., & Ali, D.K. (2011). Flow and performance: A study among talented Dutch soccer players. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(4), 442-450.
4. Banister, P., Burman, E., Parker, I., Taylor, M., & Tindall, C. (1994). *Quality methods in Psychology*. Buckingham: Open University Press.
5. Beamon, K., & Bell, P.A. (2004). "Going Pro": the deferential effects of high aspirations for a professional sports career on African-American student athletes and White student athletes. *Race and Society*, 5 (2), 179-191.
6. Beamon, K., & Bell, P.A. (2006). Academics versus athletics: An examination of the effects of background and socialization on African American male student athletes. *The Social Science Journal*, 43(3), 393-403.
7. Bengoechea, E.G., & Strean, W.B. (2007). On the interpersonal context of adolescents' sport motivation. *Psychology of Sport and Exercise*, 8(2), 195-217.
8. Boiché, J.S., & Sarrazin, P.G. (2007). Self-determination of contextual motivation, inter-context dynamics and adolescents' patterns of sport participation over time. *Psychology of Sport and Exercise*, 8(5), 685-703.
9. Bosselut, G., McLaren, C.D., Eys, M.A., & Heuzé, J.P. (2012). Reciprocity of the relationship between role ambiguity and group cohesion in youth interdependent sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(3), 341-348.
10. Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development. Experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
11. Bronfenbrenner, Urie (1999). In Friedman, S., & Wachs, W.T. (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts*. Washington, DC: American Psychological Association Press, 3-28.

12. Bronfenbrenner, U. (2005). The Future of Childhood. In Bronfenbrenner, U. (Ed.), *Making Human Beings Human. Bioecological Perspectives on Human Development*. (pp. 246-260). Thousand Oaks, CA: Sage.
13. Bronfenbrenner, U., & Ceci, S.J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in development perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101, 568-586.
14. Bronfenbrenner, U., & Crouter, A.C. (1983). The evolution of environmental models in developmental research. In Mussen, P.H. (Vol. Ed.) & Kessen, W. (Series Ed.), *Handbook of child psychology, 1. History, theory, and methods* (4<sup>th</sup> ed.), New York: Wiley, 357-414.
15. Bronfenbrenner, U., & Morris, P.A. (1998). The ecology of developmental process". In Damon, W. (Ed Série); Lerner, R. M. (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol1. Theoretical models of human development* (5<sup>a</sup> Ed.). New York: John Wiley, 993-1028.
16. Carr, S. (2009). Adolescent–parent attachment characteristics and quality of youth sport friendship. *Psychology of Sport and Exercise*, 10(6), 653-661.
17. Checkoway, B. (2011). What is youth participation? *Children and Youth Services Review*, 33(2), 340-345.
18. Coelho e Silva, M.J., Figueiredo, A.J., & Gonçalves, C.E. (2005). Motivos para a prática desportiva: Conceitos e instrumentos. *Boletim SPEF*, 30(31);
19. Côté, J. (1999). The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*, 13, 395-417.
20. Côté, J., Baker, J., & Abernethy, B. (2003). From play to practice: a developmental framework for the acquisition of expertise in team sports. In Starkes, J.L., & Ericsson, K.A. (Eds.). *Expert performance in sports: advances in research on sports expertise*. Champaign: Human Kinetics, 89-113.
21. Creswell, J. (2009). *Research Design. Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*, 3<sup>rd</sup> ed, Thousand Oaks, CA: Sage.
22. De Knop, P., Wyllemann, P., Van Houcke, J., & Bollaert, L. (1999). Sports management: an European approach to the management of the combination of academics and elite-level sport. In: Bailey, S. *Perspectives: the interdisciplinary series of physical education and sport science*. Oxford: Meyer e Meyer Sport, 49-62.
23. Denzin, N. (1989). *The research act: A theoretical Introduction to Sociological Methods*, 3<sup>rd</sup> ed, Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.
24. Denzin, N., & Lincoln, Yvonna (Eds). (2011). *Handbook of Qualitative Research*, 4<sup>th</sup> ed, Thousand Oaks, CA: Sage.
25. Drubsky, R. (2003). *O universo tático do futebol: escola brasileira*. Belo Horizonte: Health.
26. Durand-Bush, N., Salmela, J.H., & Thompson, K.A. (2005). The role of parents in the development and maintenance of expertise in sport. In: *World Congress Of Sport Psychology*, 11, Sidney, 2005. Proceedings. Sydney: International Society of Sport Psychology, 2005, CD-ROM.
27. Emrich, E., Fröhlich, M., Klein, M., & Pitsch, W. (2009). Evaluation of the Elite Schools of Sport: Empirical Findings from an Individual and Collective Point of View. *International Review for the Sociology of Sport*, 44(2-3), 151-171.
28. Erickson, K., Côté, J., Hollenstein, T., & Deakin, J. (2011). Examining coach–athlete interactions using state space grids: An observational analysis in competitive youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(6), 645-654.

29. Ericsson, K.A., Krampe, R., & Tesch-Römer, C. (1993). The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. *Psychological Review*, 100(3), 363-406.
30. Ford, P.R., & Williams A.M. (2012). The developmental activities engaged in by elite youth soccer players who progressed to professional status compared to those who did not. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(3), 349-352.
31. Fraser-Thomas, J., Côté, J., & Deakin, J. (2008). Understanding dropout and prolonged engagement in adolescent competitive sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 9(5), 645-662.
32. Gibson, H.; Willming, C. & Holdnak, A. (2002). "We're Gators... Not just Gator fans": serious leisure and University of Florida Football. *Journal of Leisure Research*, 34(4), 397-425.
33. Gillet, N., Vallerand, R.J., Amoura, S., & Baldes, B. (2010). Influence of coaches' autonomy support on athletes' motivation and sport performance: A test of the hierarchical model of intrinsic and extrinsic motivation. *Psychology of Sport and Exercise*, 11(2), 155-161.
34. Greene, J.C. (2006). Toward a methodology of mixed methods social inquiry. *Research in the Schools*, 13(1), 94-99.
35. Henriksen, K., Stambulova, N., & Roessler, K.K. (2010). Holistic approach to athletic talent development environments: A successful sailing milieu. *Psychology of Sport and Exercise*, 11(3), 212-222.
36. Hodge, K., Allen, J.B., & Smellie, L. (2008). Motivation in Masters Sport: Achievement and social goals. *Psychology of Sport and Exercise*, 9(2), 157-176.
37. Hsieh, H.F., & Shannon, S.E. (2005). Three approach to qualitative content analysis. *Qualitative Health Research*, 15(9), 1277-1288.
38. Instituto Nacional Estatística (INE). Consultado em [www.INE.pt](http://www.INE.pt), a 23 de Maio de 2012.
39. Jõesaar, H., Hein, V., & Hagger, M.S. (2011). Peer influence on young athletes' need satisfaction, intrinsic motivation and persistence in sport: A 12-month prospective study. *Psychology of Sport and Exercise*, 12(5), 500-508.
40. Jõesaar, H., Hein, V., & Hagger, M.S. (2012). Youth athletes' perception of autonomy support from the coach, peer motivational climate and intrinsic motivation in sport setting: One-year effects. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(3), 257-262.
- 41.
42. Keegan, R.J., Harwood, C.G., Spray, C.M., & Lavalley, D.E. (2009). A qualitative investigation exploring the motivational climate in early career sports participants: Coach, parent and peer influences on sport motivation. *Psychology of Sport and Exercise*, 10(3), 361-372.
43. Krebs, R.J. (2009a). Bronfenbrenner's Bioecological Theory of Human Development and the process of development of sports talent. *International Journal of Sport Psychology*, 40(1), 108-135.
44. Krebs, R.J. (2009b). Proximal processes as the primary engines of development. *International Journal of Sport Psychology*, 40(1), 219-227.
45. Lau, P.C., Fox, K.R., & Cheung, M.L. (2006). Psychosocial and Socio-Environmental Correlates of Sport Identity and Sport Participation in Secondary School-Age Children. *European Journal of Sport Science*, 4(3), 1-21.

46. Leite, N., Sampaio, J., & Baker, J.(2009). Paths to expertise in Portuguese national team athletes. *Journal Sports Science & Medicine*, 8(4), 560-566.
47. Lincoln, Y.S., & Guba, E.G. (1985). *Naturalistic Inquiry*. Newbury Park: Sage;
48. Marvasti, A. (2004). *Qualitative research in Sociology*. London, UK: Sage.
49. Oliver, E.J., Hardy, J., & Markland, D. (2010). Identifying important practice behaviors for the development of high-level youth athletes: Exploring the perspectives of elite coaches. *Psychology of Sport and Exercise*, 11(6), 433–443.
50. Papaioannou, A.G., Ampatzoglu, G., Kalogiannis, P., & Sagovits, A. (2008). Social agents, achievement goals, satisfaction and academic achievement in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 9(2), 122-141.
51. Patton, M.Q. (2002). *Qualitative Research and Evaluation Methods*. Thousand Oaks, CA: Sage.
52. *Pordata*. Secção Cultura e Desporto. Consultado em [www.pordata.pt](http://www.pordata.pt) a 23 de Maio de 2012.
53. Renson, R. (2001). Messages from the Future. Significance of Sport and Exercise in the Third Millennium. *European Journal of Sport Science*, 1(1), 1-17.
54. Rogoff, B. (2003). *The Cultural nature of Human Development*. New York, NY: Oxford University Press.
55. Salmela, J.H., Marques, M.P., & Machado, R.(2003). The informal structure of football in Brazil. *The FA Coaches Association Journal*, 1(7), 17-19.
56. Schilling, J. (2006). On the pragmatics of qualitative assessment: Designing the process for content analysis. *European Journal of Psychological Assessment*, 22(1), 28-37.
57. Shenton, A.K. (2004). Strategies for ensuring trustworthiness in qualitative research projects. *Education for Information*, 22, 64-75.
58. Silverman, D. (2010). *Interpreting Qualitative Data* (3<sup>rd</sup> ed). London, UK: Sage.
59. Skinner, J., Zakus, D.H., & Cowell, J. (2008). Development through Sport: Building Social Capital in Disadvantaged Communities. *Sport Management Review*, 11(3), 253-275.
60. Smith, A. (2003). Peer relationships in physical activity contexts: a road less traveled in youth sport and exercise psychology research. *Psychology of Sport and Exercise*, 4(1), 25-39.
61. Smith, R., & Smoll, F.L. (2002). Youth sports as a behavior setting for psychosocial interventions. In Vanraalte J.L. (ed.). *Exploring sport and exercise psychology*. 2nd ed. Washington: American Psychological Association, 341-371.
62. Sotiriadou, K., & Shilbury, D. (2009). Australian Elite Athlete Development: An Organisational Perspective. *Sport Management Review*, 12(3), 137-148.
63. Spaaij, R. (ed.). (2010). *The Social Impact of Sport. Cross-Cultural Perspectives*. Routledge.
64. Stornes, Tor. (2001). Sportspersonship in Elite Sports: on the Effects of Personal and Environmental Factors on the Display of Sportspersonship Among Elite Male Handball Players. *European Physical Education Review*, 7(3), 283-304.

65. Stuntz, C.P., & Weiss, M.R. (2009). Achievement goal orientations and motivational outcomes in youth sport: The role of social orientations. *Psychology of Sport and Exercise*, 10(2), 255-262.
66. Taylor, I.M., & Bruner, M.W. (2012). The social environment and developmental experiences in elite youth soccer. *Psychology of Sport and Exercise*, 13(4), 390-396.
67. Tesch, R. (1990). *Qualitative Research: Analysis Types & Software Tools*. Bristol, PA: Falmer Press.
68. Tofler, I.R., & Butterbaugh, G.J. (2005). Developmental Overview of Child and Youth Sports for the Twenty-first Century. *Clinics in Sports Medicine*, 12(4), 783-804.
69. Ullrich-french, S., & Smith, A.L. (2006). Perceptions of relationships with parents and peers in youth sport: Independent and combined prediction of motivational outcomes. *Psychology of Sport and Exercise*, 7(2), 193-214.
70. Ullrich-French, S., & Smith, A.L. (2009). Social and motivational predictors of continued youth sport participation. *Psychology of Sport and Exercise*, 10(1), 87-95.
71. Vazou, S., Ntoumanis, N., & Duda, J.L. (2005). Peer motivational climate in youth sport: a qualitative inquiry. *Psychology of Sport and Exercise*, 6(5), 497-516.
72. Weber, R.P. (1990). *Basic Content Analysis. Quantitative Applications in Social Sciences* (2<sup>nd</sup> ed). London, UK: Sage.
73. Weiss, M. (1992). Chaumeton, N. Motivational orientations in sport. In HORN, T. (Ed.). *Advances in Sport Psychology*. Champaign, IL: Human Kinetics, 61-99.
74. Wuerth, S., Lee, M.J., & Alfermann, D. (2004). Parental involvement and athletes' career in youth sport. *Psychology of Sport and Exercise*, 5(1), 21-33.
75. Wyllemann, P., Alfermann, D., & Lavalley, D. (2004). Career transitions in sport: European perspectives. *Psychology of Sport and Exercise* 5, 7-20.
76. Wyllemann, P. & Lavalley, D. (2004). A developmental perspective on transitions faced by athletes. In Weiss, M. (Ed.), *Developmental sport and exercise psychology: a lifespan perspective*. Morgantown: Fitness Information Technology, 507-27.
77. Wyllemann, P., De Knop, P., Ewing, M.E., & Cumming, S.P. (2000). Transitions in youth sport: a developmental perspective on parental involvement. In: Lavalley, D., & Wyllemann, P. (Eds.). *Career transitions in sport: International perspectives*. Morgantown: FIT Publications, 143-60.
78. Zastrow, C., & Kirst-Ashman, K. (2010). *Understanding human behavior and the social environment*. Belmont, CA: Brooks/Cole.

## Capítulo 4

### Considerações Finais

Nos dois contextos jovens foram identificados três actores sociais importantes na percepção da participação desportiva dos jovens atletas com cargas de ponderação diferentes: pais, treinadores e pares. Do estudo concluiu-se que a participação desportiva deve ser equacionada tendo por base a qualidade das relações interpessoais (clima) e, em termos gerais, o contexto de prática (condições). De igual forma, experiências desportivas apropriadas dependem largamente da interacção e envolvimento dos pais, treinadores e pares. De facto, o contexto desportivo (a estrutura e organização do clube e relações sociais) influenciam fortemente o treinador nos seus comportamentos e atitudes no decorrer do desenvolvimento do jovem desportista. O treinador tem um papel muito influente e pode ter um papel profundo naquilo que são os efeitos sociais e individuais no desporto.

Relativamente ao clube de orientação profissional, o desenvolvimento dos jovens talentos desportivos está predominantemente dependente dos factores ambientais, isto é, influencias organizacionais a um nível micro (condições de prática, factores de sucesso no desporto, influência dos pais e treinadores e percepção dos papéis). Os resultados também demonstraram a importância das interacções recíprocas entre os jovens talentos e os outros significativos envolvidos neste contexto específico. O Clube de Orientação Profissional (COP) incorpora um “ethos” profissional com a emergência de comportamentos característicos. Neste sentido, a aspiração ao profissionalismo e reconhecimento promove comportamentos diferenciados e mais competitivos, maior capacidade de trabalho num clima altamente orientado para a tarefa.

No Clube de Orientação Social (COS) o estudo favorece uma aproximação ao entendimento das relações proximais na reequação da função social de um clube de bairro social. Os valores sociais podem emergir mesmo em contextos ecológicos desfavorecidos de prática desportiva sendo que os jovens apenas experimentam a actividade desportiva se os locais onde treinam e jogam proporcionam oportunidade para catalisar as suas habilidades individuais e interesses.

Os outros significativos veêm o desporto e especificamente o futebol não só como um mecanismo de mudança social, contribuindo para evitar comportamentos delinquentes e antisociais mas também como forma de realçar a importância de relações proximais entre os diversos actores dos clubes, com particular ênfase no papel do treinador e pais. O constructo ecológico providenciou oportunidade para

desenvolver pesquisa aplicada em áreas sociais sensíveis bem como o discriminar e desenvolver de relações positivas que podem ser consistentes através de programas de desenvolvimento desportivo. Fica contudo em aberto a necessidade de entender masi detalhadamente a estrutura e processos da equação da função social de clubes situados num caldeirão social.

Em cada um dos clubes considerados, os outros significativos implicitamente, e de uma forma prospectiva, referem o potencial de mudança social e desenvolvimento. Este desenvolvimento está na dependência directa, quer de políticas públicas (COS), quer desportivas (COP). Qualquer um dos microsistemas analisados foi intensamente influenciado pelo exosistema (sistema que influencia indirectamente o jovem atleta, não estando nele envolvido). Por exemplo, nos dois clubes analisados, as autarquias tiveram um peso decisivo na diminuição das infra-estruturas desportivas existentes, regulado por políticas de ordenamento do território. Ou seja, as políticas autárquicas intervieram através de um processo de rápida mudança das estruturas desportivas existentes em cada um dos clubes, apresentando forças disruptivas assinaláveis que comprometeram os seus trajectos desportivos e a própria organização dos clubes (destruição de campos de treino).

A um clima de mestria e elevada exigência competitiva no COP com repercussões nos comportamentos dos atletas na vida em sociedade corresponde o clube de bairro com um sentimento de pertença e inclusão; uma oportunidade de prática desportiva e uma espaço de fuga e uma possibilidade de evasão a um comportamento de risco. Um exemplo é o caso dos juvenis do COS, um nicho ecológico com jovens jogadores delinquentes e rotulados negativamente num microsistema (clube) precário. Este microclima (escalão) pode, através de um conjunto de relações pessoais veiculadas e numa acção sistemática e duradoura proporcionar o fortalecimento das aptidões sociais veiculadas e contribuir para o desenvolvimento do jovem.

No COP, os outros significativos (treinador-atleta) referem que, ao invés de rotular jovens apenas como recipientes de programas enfatizam a mobilização e reconhecem-nos como recursos activos para outros mesosistemas (escola, família, grupo de amigos) onde eles investem. Os treinadores providenciam flexibilidade na percepção e condução do treino, proporcionando assim oportunidades estruturantes para que ocorra desenvolvimento. Assim, os atletas tornam-se produtores das suas próprias experiências no desenvolvimento de aptidões positivas para a vida (Holt, Tink, Mandigo & Fox, 2008). Estudando as actividades dos jovens em contexto implica ir para além das variáveis de endereço social para estudar o papel dos processos

ecológicos em funcionamento, muda-se da perspectiva da pessoa individual (atleta) para o contexto em que a pessoa está em desenvolvimento.

## ANEXOS

## Tabelas

Tabela 1 - Categorias Principais e grupos de respostasCOS.....	24
Tabela 2 - Dados relativos à prática desportiva no COS.....	25
Tabela 3 - Estrutura familiar dos grupos desportivos do COS.....	25
Tabela 4 - Categorias Principais e grupos de respostas COP.....	46
Tabela 5 - Atletas Formação em Clubes com Equipas Séniores Profissionais.....	48
Tabela 6 - Dados Sócio-Desportivos dos Jovens do COP.....	49

## Figuras

Fig. 1 - Modelo desportivo de desenvolvimento positivo de jovens atletas.....	8
Fig. 2 - Modelo Bioecológico de desenvolvimento do talento desportivo.....	11

## Entrevista Semi-estruturada

### ***Qual o clima desportivo proporcionado pela instituição?***

1. Como vê o clube no panorama actual do futebol português?	<b>(CLUBE E IDENTIDADE)</b>
2. Que papel social tem o clube na comunidade?	<b>(INTEGRAÇÃO COMUNIDADE)</b>
3. Qual o elemento mais importante na organização do clube? Porquê?	<b>(ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA)</b>
4. Que papel têm os atletas numa sessão de treino?	<b>(SUPORTE E EFICÁCIA)</b>
5. Descreva a organização do clube. O que sente em relação a ela?	<b>(ESTRUTURA APROPRIADA)</b>
6. Como define o clima no clube? Como encoraja à participação e incentiva as boas práticas?	<b>(CLIMA E VALORES)</b>
7. Qual o tipo de relação que o clube tem com os jogadores durante o tempo que permanecem no clube?	<b>(RELAÇÃO DE SUPORTE)</b>
8. Descreva os tipos de skills sociais que pensa o clube ajuda a desenvolver nos atletas, Como planeiam o desenvolvimento destes skills? Como mede o seu desenvolvimento?	<b>(OPORTUNIDADE PARA A CONSTRUÇÃO DE SKILLS)</b>
9. Consegue descrever as interações que decorrem entre os atletas? (Exemplos positivos e/ou negativos). Existem reprimendas para aqueles que não têm uma conduta apropriada?	<b>(SEGURANÇA PSICOLÓGICA)</b>
10. Descreva o papel dos pais no seu programa	<b>(INTEGRAÇÃO DA FAMÍLIA)</b>
11. Como é que o envolvimento da escola é integrado no clima de equipa atleta? (quaisquer protocolos estabelecidos relacionados com a comunicação com a escola e professores; regras relacionadas com a ausência dos atletas e trabalho de casa; notas)	<b>(INTEGRAÇÃO DA ESCOLA)</b>
12. O programa encoraja os seus atletas a participar na comunidade em geral) Se sim, como? (actividades intencionais)	<b>(INTEGRAÇÃO COMUNIDADE)</b>

Em nome da Ciência., obrigado pela colaboração...